



atos

do conselho superior

ano LXII — outubro-dezembro, 1981

n. 302

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO



atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 302

ano LXII

out.-nov. de 1981

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ A "Comunicação Social" nos interpela	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. João RAINERI O pensamento de Dom Bosco como programa das Editoras Salesianas	33
	2.2 P. Juan Edmundo VECCHI O nosso compromisso para com as vocações	54
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Calendário próprio	58
4. ATIVIDADES DO CONSELHO	4.1 Sessão plenária do Conselho Superior (junho-julho de 1981)	59
	4.2 Atividades dos Conselheiros	60
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Solidariedade fraterna (37.ª relação)	61
	5.2 Nomeações	63
	5.3 Delegação Sardenha	66
	5.4 Projeto África	67
	5.5 Carta de S. Santidade João Paulo II para a coroação de Nossa Senhora de Rozanystok	69
	5.6 Fé e experiência na Catequese	71
	5.7 Vigário para as Filhas de Maria Auxiliadora	78
	5.8 Manuscrito de Dom Bosco: carta inédita	81
	5.9 Irmãos falecidos	83

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egídio VIGANÓ

A "Comunicação Social" nos interpela

A Comunicação Social nos Interpela. Missão salesiana e Comunicação Social. — A Comunicação Social é "novidade de presença". — Dom Bosco homem da Comunicação Social. — Compreender a mudança sócio-cultural que nos envolve. — Exigências concretas para o Salesiano. — Capacidade de evangelização através da Comunicação Social. — Formação do Salesiano para a Comunicação Social. — Promoção da informação salesiana. — A Comunicação Social envolve-nos a todos. — Conclusão.

Caros Irmãos,

uma saudação cordial a vós e a todos os amigos da Família Salesiana. Mando-a desde o Capítulo Geral XVII das Filhas de Maria Auxiliadora.

O Capítulo foi aberto oficialmente a 15 de setembro, depois do recolhimento e da oração de uma semana de Exercícios Espirituais. Eu mesmo quis pregá-los como expressão do delicado serviço do ministério de Reitor-Mor. Concentrei a atenção das 150 Capitulares no sonho de Dom Bosco em S. Benigno, cujo centenário ocorria precisamente naqueles dias: foi um aprofundamento do espírito salesiano através da consideração do Personagem dos dez diamantes.

Nossas Irmãs capitulares estão trabalhando intensamente na revisão definitiva das Constituições do seu Instituto. Na segunda metade do mês de outubro farão a eleição das Superiores. Acompanhem-nas, durante seus trabalhos, com muitas orações e sacrifícios, individuais e comunitários.

O Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora é um acontecimento significativo na vida da Igreja e é particularmente importante para toda a Família Salesiana de Dom Bosco. Sejam, pois, generosos e constantes no apoio fraterno!

Missão salesiana e Comunicação Social

Na minha recente viagem à América do Sul ofereceram-me, em Montevideu, o xerox de uma curiosa carta inédita de Dom Bosco escrita em 1877 ao P. Lasagna. Podereis tê-la neste número na seção “documentos”. A carta confirma a extraordinária e criativa preocupação do nosso Pai por um setor da Comunicação Social como vem a ser a imprensa.

Em fim de junho passado, pude acompanhar o interessante “Seminário internacional” para a formação dos quadros dirigentes das Editoras salesianas realizado em Turim. Um acontecimento que me obrigou a refletir sobre quanto os nossos dois últimos Capítulos Gerais dizem a respeito da importância da Comunicação Social na nossa ação pastoral.

Pus-me a meditar a instrução pastoral “Communio et Progressio” de maio de 1971.

Voltei também a pensar no que se elaborou no Conselho Superior sobre esse tema durante a preparação da “Ratio”.

E dessa maneira julgo útil convidar-vos a avivar na consciência a importância que devemos dar à Comunicação Social na nossa vida e missão. A Comunicação Social foi sempre uma área de peculiar atuação salesiana, na qual Dom Bosco e, a seu exemplo, os seus filhos trabalharam com empenho, servindo-se de vários dos seus “instrumentos” com vistas à evangelização e à promoção humana dos seus destinatários: os jovens, as classes populares, as populações das Missões. Hoje, porém, não basta, e para o futuro é preciso empenhar-se ainda mais, *exige-se uma “novidade de presença”*, porque a incidência da comunicação social no mundo cresce continuamente. “Ela — disse-nos o Capítulo Geral 21 — possui em si mesma uma enorme capacidade de persuasão que enriquece,

para o bem e para o mal, as mensagens que transmite.”

A Comunicação Social torna-se cada vez mais uma presença educativa de massa, plasma-dora de mentalidades e criadora de cultura. Por meio dela se elaboram e difundem as evidências coletivas que se encontram na base dos novos modelos de vida e dos novos critérios de julgamento. Sua eficácia incisiva e sua presença sempre mais maciça fazem da Comunicação Social uma verdadeira e autêntica escola alternativa para grandes camadas da população mundial, especialmente juvenis e populares.¹

1. Capítulo Geral 21,
n. 148

O progresso acelerado destes anos apresenta-nos a Comunicação Social como um campo privilegiado de criação de opinião pública, porque *“assumiu e exerce um papel decisivo na dialética cultural, na vida social e nos costumes”*.²

2. Idem, n. 148

Ora, sabemos que a missão salesiana está intimamente ligada à área cultural. Toda a nossa atividade evangelizadora vive e desenvolve-se no âmbito da cultura. Colaboramos humildemente na Igreja para superar o dramático dissídio que se constata em nosso século entre Evangelho e cultura.

Urge impregnar de espírito cristão o conjunto dos valores e não-valores que vão estruturando a mentalidade das pessoas: as várias novidades dos sinais dos tempos, destacadas pela Comunicação Social, atingem de alguma maneira a esfera própria da fé, antes penetram-na intimamente.

Por outra parte a *missão de Cristo* e os conteúdos da fé são, justamente pela sua natureza específica, objetos privilegiados de comunicação.

O Cristo é a “Palavra” e a “Imagem” do Deus invisível, e se fez homem para “comuni-

car" a todos um grande projeto, muito concreto e histórico, de libertação e amor. Ele — diz-nos a "Communio et Progressio" — "revelou-se perfeito comunicador... falava plenamente inserido nas condições reais do seu povo".³ Nele a capacidade de comunicação implica a verdadeira doação de si mesmo sob o impulso do amor, como o vemos na cruz, na Eucaristia e nos sacramentos. Os conteúdos da sua comunicação (a "Revelação") não são esquemas doutrinários de elucubração abstrata, mas são fatos, pessoas, acontecimentos. Constituem o Evangelho: ou seja, um conjunto de "boas notícias", concretas e objetivas, que têm o poder de guiar o modo de proceder e os princípios de julgamento.

3. *Communio et Progressio* n. 11

Toda a *missão da Igreja* está na comunicação destas boas notícias: por isso dizemos que Ela é "evangelizadora". Os agentes da sua missão, os apóstolos, são comunicadores: "pregai o Evangelho a toda criatura";⁴ com razão exclama São Paulo: "Como haveriam de crer naquele a quem não ouviram? E como ouviriam sem alguém que lhes pregasse? E como haveriam de pregar se não fossem enviados para isso? Conforme está escrito: Quão belo é ver chegar os que anunciam boas notícias!"⁵

4. Marcos 16, 15

5. Romanos 10, 14-15

Evangelizar significa, pois, ser comunicadores de boas notícias. Para fazer isso é necessária uma linguagem adequada, o aprofundamento da objetividade das notícias, a dedicação em comunicá-las pelo valor de impacto que têm em si mesmas, a arte de dirigir para elas o interesse do público.

A Comunicação Social é "novidade de presença"

Convida-nos o Vaticano II a saber ler os sinais dos tempos. E olhando ao nosso redor, e confrontando este nosso tempo com os séculos ou mesmo só com os decênios que nos precedem, ficamos impressionados pela profunda

transformação em ato nas condições de vida do indivíduo e da sociedade. Transformação que tem muitas causas; entre elas, como ponto de aceleração, a presença cada vez mais incisiva da Comunicação Social.

O fato nos interessa já como pessoas individualmente envolvidas, mas ainda mais porque os efeitos da nova situação atingem de maneira cada vez mais aguda, e com resultados por vezes aluidores, os que são destinatários da nossa missão: os jovens, as classes populares.

Todavia a constatação não basta: um sentido de responsabilidade salesiana leva-nos a procurar formas mais atuais de aproximação, renovação de métodos pastorais, novidade de presença. *Eis um campo muito concreto e exigente para as "novas presenças" das quais nos falaram os dois últimos Capítulos Gerais!*

A programação de uma "novidade de presença" apostólica supõe capacidade de leitura dos sinais dos tempos e penetrante inteligência dos núcleos estratégicos de influência cultural.

Trata-se de não nos alienarmos, de não permanecermos passivos, de não continuarmos como se nas estruturas da sociedade nada de novo houvesse acontecido. Se pretendemos ser contemporâneos dos homens de hoje, que somos chamados a evangelizar, devemos esforçar-nos primeiro que tudo por penetrar os dinamismos que movem a atual transformação cultural.

Estamos plenamente conscientes de que se trata de uma matéria de todo aberta às pesquisas, à inventiva e às propostas: matéria "in fieri" ainda. Com a humildade e a atenção de quem lhe acompanha os contínuos aperfeiçoamentos, queremos convidar a refletir na Comunicação Social para incentivar a entrar ativamente na sua criatividade de linguagem com uma praxe apostólica e educativa aos níveis de hoje, mas

com igual abertura para toda conquista ulterior e desenvolvimento possível.

Estimule-nos a isso a atitude aberta e corajosa que Dom Bosco assumiu já no século passado no tocante à Comunicação Social. O fenômeno dos “mass media” e dos “group media” era então assaz reduzido (limitava-se praticamente ao setor do papel impresso), mas ele intuiu-lhe a importância, e agiu nessa área como protagonista. Vejamos, brevemente, como a imprensa se tornou em suas mãos um instrumento dócil, que ele dominou com eficácia para a realização do seu Projeto Pastoral.

Dom Bosco homem da Comunicação Social

Dom Bosco deixou que a Comunicação Social do seu tempo — das formas mais simples às mais elevadas — lhe invadissem a vida, sempre pronto a captar para si e a transmitir aos outros.

Soube ser *atento receptor*, desejoso de conhecer os acontecimentos, leitor obstinado, devorador de livros, e muito capaz de memorizar.

Foi *bom comunicador*, desde menino, a começar pelas formas mais modestas de comunicação, quando repetia aos colegas de brinqueado os episódios das suas leituras e as instruções do pároco, quando durante o inverno lia no estábulo para os adultos livros da cultura popular. Para proveito dos seus meninos, inventará mais tarde o “boa-noite”, ocasião amigável e cordial para transmitir notícias de família.

Foi outrossim *autor precoce de livros*. Seu primeiro livro saiu aos 29 anos (e pensar que o camponês dos Becchi havia chegado com 15 anos a Chieri para concluir com notável atraso seu atormentado curso elementar). Mas tornou-se logo autor versátil nos gêneros mais di-

versos, do artigo de jornal ao livro, da biografia à história, da hagiografia ao teatro, da divulgação científica à religiosa e à apologetica, gênero muito em moda então. A concretude “histórica” era uma dimensão por ele preferida; sua habilidade de escritor foi a do “narrador”.

Foi *autor fecundo*: a recente reimpressão anastática das suas “Opere edite” compreende 37 grandes volumes, e aí se contam 1.174 escritos seus. Foi autor muito lido, procurado, reimpresso, com toda uma série de invejáveis “best sellers” (como diríamos hoje).

Para a sua família espiritual inventou também a *informação salesiana*. Em 1867, quando a sua Congregação compreendia ao todo 3 casas e 44 salesianos, e não havia sido ainda aprovada pela Santa Sé, fez tirar três cópias da primeira das suas “Cartas Circulares”. A partir de então saíram regularmente sem nenhuma interrupção, e hoje tornaram-se os “Atos do Conselho Superior”. E dez anos depois, transformava o noticiário bibliográfico da sua livraria no “Bollettino Salesiano”, para que os seus Cooperadores e todos os amigos de Dom Bosco pudessem acompanhar de perto o desenvolvimento da realidade salesiana no mundo.

Foi *depois se transformando* pouco a pouco de autor em editor, com escolhas de evidente modernidade. Soube em primeiro lugar criar o ciclo completo da atividade editorial: da fábrica de papel (comprou uma, em Mathi Torinese), ao contato fecundo com os autores, às tipografias e impressoras, às livrarias, a uma rede de distribuição toda sua para distribuir a produção periódica.

Como editor, *tentou* aos 34 anos o *caminho do jornal* (em 1849 subscreveu os 61 números do “Amico della gioventù, giornale politico-religioso”, que durou 8 meses). *Coleções e bibliotecas* eram a novidade daqueles anos, e Dom

Bosco nelas recolheu em ordem os livros da sua editora, conseguindo difundir-lhes aos montes (a centenas de milhares de cópias): a "Biblioteca della gioventù" com 204 títulos superou de muito a tiragem total de um milhão; e a coleção das "Letture cattoliche" passou, ainda quando ele vivia, de dois milhões, e atingiu 9.200.000 de exemplares no primeiro meio século.

Empreendeu com bom êxito a impressão de *publicações periódicas*, pois tais se consideram com pleno direito tanto o Boletim Salesiano como as Leituras Católicas. Fez imprimir e difundir o Boletim Salesiano em várias línguas (3 à sua morte; 9 ao tempo do P. Rua). E quanto às "Leituras Católicas", observamos que tinham em comum com os "pocket books" (livros de bolso) de hoje os requisitos fundamentais: eram livros, publicados em prazos periódicos, em formato pequeno, a baixo custo, distribuídos tanto por assinatura como na livraria. Em suma, Dom Bosco soube preceder.

E o que mais conta: Dom Bosco serviu-se da Comunicação Social como de um setor de *atividade que lhe permitia realizar seu projeto educativo*. Com a Comunicação Social utilizada em várias formas e em diversos níveis, favoreceu a promoção humana e cristã da juventude pobre e das classes populares, e sustentou também a ação missionária.

Para a juventude fez-se escritor, preparando textos escolares (as três Histórias: Sagrada, da Igreja, da Itália), livros de orações (basta lembrar o "Jovem Instruído"), livros formativos (das biografias dos seus melhores alunos a muitos tratados pequenos e fáceis de espiritualidade), livros de teatro e leituras amenas. Precisamente por eles tentou o jornalismo (o seu jornal intitulava-se "l'Amico della gioventù").

E para as classes populares? Aos 31 anos Dom Bosco já se preocupava com os agriculto-

res com “L’enologo italiano”, e três anos depois escrevia “O sistema métrico decimal... para uso dos aprendizes e gente do campo”. E depois a avalanche dos outros livros, de conteúdo sagrado e profano, da “Coleção de livros amenos” à “Biblioteca dos operários”, ao almanaque popular, o “Galantuomo”.

Dom Bosco era por temperamento um fascinador, e não admira que *seus filhos tenham seguido a sua esteira*. Muitíssimos dos primeiros salesianos foram escritores, ou pelo menos encontraram a maneira — entre suas muitas atividades — de dar a lume algum livro de valor. Entre os escritores de profissão ou quase, devem ser lembrados Lemoyne, seu biógrafo, Bonetti, o primeiro diretor do Boletim Salesiano, Barberis, Francesia, Trione, Cerruti...

Mais: *Dom Bosco incluiu os Salesianos Coadjuutores* no campo das Comunicações Sociais. Os leigos de Dom Bosco vinham a calhar numa atividade sob tantos aspectos leiga. Tornaram-se chefes de oficinas de tipografia e encadernação, tornaram-se livreiros, e alguns também editores: em pequena e, às vezes, em grande escala. Escritores também. Em suma, encontraram na Comunicação Social uma adequada realização vocacional.

Graças ao esforço de todos, a imprensa salesiana penetrava nos diversos ambientes com sua feição serena, com a preocupação da promoção humana, do anúncio evangélico.

Como se vê, o quadro é sugestivo.

Dom Bosco, homem da Comunicação Social, intuiu a importância que ela ia assumindo, e inseriu-se nela como protagonista, fazendo dos “*mass media*” do seu tempo — praticamente a imprensa — os instrumentos dóceis e eficazes em ordem à realização do seu projeto apostólico.

Diante dessa atitude do nosso Pai e de tão grande atividade, constante e corajosa, não podemos evitar uma dupla pergunta:

Por que o fez? Como o fez?

São perguntas penetrantes, que nos desafiam.

O “*por que*” ilumina o âmbito da nossa missão; o “*como*” estimula-nos o espírito de iniciativa perante as condições da civilização atual.

Particularmente significativa, a propósito, é a circular que enviou às casas na festa de São José, de 1885, pouco antes de partir para a França. O argumento nela tratado é a difusão dos bons livros, “um dos meios adequados para conservar o reino do Salvador em tantas almas”, e *um dos fins principais da nossa Congregação*; “eu vos peço e esconjuro que não descuideis essa importantíssima parte da nossa missão”. “Foi essa uma das principais empresas que a Divina Providência me confiou, e vós sabeis como tive que dedicar-me a ela com grande empenho, não obstante tantas outras ocupações.” “Persuadi-vos, meus caros filhos, que semelhantes indústrias atrairão sobre vós e sobre nossos meninos as mais escolhidas bênçãos de Nosso Senhor.”⁶

6. Epistolário, vol. 4, pp. 318-321

Eis: o “*por que*” Dom Bosco empenhou-se na Comunicação Social é claro e permanece hoje ainda mais vivo: trata-se de uma “parte importantíssima da nossa missão”.

O “*como*” o fez liga-se especificamente à imprensa segundo as possibilidades da época.

Evidentemente, aqui, a lembrança de Dom Bosco não pode ser uma espécie de visão panorâmica da nossa situação sobre quanto estão realizando vertiginosamente os agentes culturais de hoje. A imprensa é ainda muito impor-

tante, mas é uma ótica mais que parcial. O “como” de Dom Bosco é, pois, *claramente limitado*; é uma iniciativa, poderíamos dizer, “introdutória”, adequada a seu tempo, que hoje devemos saber rever e ampliar segundo as novas exigências da Comunicação Social. É importante que o saibamos fazer com a mesma dedicação, ousadia e inteligente constância de Dom Bosco.

Para fazer isso será indispensável cultivar em nós a ductilidade mental que caracterizou seu espírito de iniciativa.

Compreender a mudança sócio-cultural que nos envolve

A exemplo do nosso Pai devemos também procurar compreender hoje o que está acontecendo, para inserir-nos com eficácia e magnanimidade na elaboração de uma nova cultura aberta ao espírito do Evangelho.

“Entre as maravilhosas invenções da técnica — diz-nos a ‘*Communio et Progressio*’ — que garantem a comunicação social entre os homens, o cristão encontra os instrumentos preparados pela Providência de Deus para facilitar a união entre os que são peregrinos nesta terra; eles, com efeito, promovem novas relações e fazem surgir, poder-se-ia dizer, *uma nova linguagem* que permite aos homens conhecerem-se mais intimamente e que facilita a abertura aos outros.”⁷

7. *Communio et Progressio*, n. 12

Neste sentido é preciso primeiro que tudo tomar consciência do movimento vertiginosamente acelerado com o qual se desenvolve nestes anos a realidade da Comunicação Social.

Segundo Marshall McLuhan (os estudiosos do setor estão-nos habituando a uma linguagem bastante curiosa), saímos da longa “fase tribal” da comunicação preponderantemente oral, para

entrar primeiro na “galáxia Gutenberg” do papel impresso, depois na “galáxia Marconi” da telecomunicação: começamos já a viver como numa “aldeia cósmica”, ou global, isto é, num globo terrestre reduzido — pela sempre maior facilidade das comunicações — às dimensões de pequena aldeia.

A velocidade com a qual uma comunicação, correndo de boca em boca, espalhava-se outrora na pequena aldeia da floresta, verifica-se agora em escala mundial, em todo o globo terrestre. *O homem de hoje já não pode ignorar o que acontece não só ao seu redor, mas por toda a parte.* Acontecimentos culturais, esportivos, grandes catástrofes, conflitos sociais, guerras, personagens do bem e do mal, e até os acontecimentos mais fúteis da crônica ou das divas, entram em sua fantasia e de alguma maneira o envolvem. A distância já não é obstáculo: todos são “vizinhos”, e até entram em casa.

A Comunicação Social apresenta-se, com linguagens inéditas, como uma novidade sedutora; mas *apresenta, ao lado das luzes, muitas sombras.* E o debate sobre suas luzes e sombras é hoje muito vivo.

É um discurso de fatos, de idéias e de perspectivas, que nos interessa de perto justamente porque a Comunicação Social tem tamanha influência sobre o povo e sobre os nossos jovens, sobre o amadurecimento da sua personalidade, sobre a opção dos valores fundamentais, sobre suas atitudes perante Deus e o Homem, sobre sua orientação vocacional. Vejamos, pois, a rápido vôo de pássaro, as incidências que a Comunicação Social pode ter sobre os nossos destinatários (e, não esqueçamos, também sobre nós próprios).

Impressiona a *chuva de mensagens de toda espécie* que hoje nos atinge, e nos atingirá cada vez mais à proporção que penetramos na

“aldeia global”: a Comunicação Social vai-se tornando o “clima” em que se respira e vive.

Essa chuva de mensagens tem sem dúvida *aspectos positivos*. O cidadão comum, o jovem, sobretudo, está hoje infinitamente mais informado sobre a realidade em que vive do que as gerações anteriores. A soma de seus conhecimentos e experiências filtradas através dos instrumentos de Comunicação Social é enorme. O Card. Gilroy, num documento, reconhecia ao homem o direito-dever de ter uma “visão do mundo” pessoal, e essa tarefa é facilitada pela Comunicação Social, quer se dê a essa expressão um significado somente material, quer sobretudo em sentido ideológico e espiritual. A intensificação da rede de comunicação aumenta a experiência e a consciência.

A *escola* também beneficia-se com o progresso realizado no campo da Comunicação Social: os meninos da “galáxia Gutenberg” eram forçados a um aprendizado mais limitado, ao passo que os meios modernos introduzem na sala de aula sons, cores, figuras em movimento. Com o advento da “linguagem total”, a escola pode dar um grande passo à frente, com grande proveito para os meninos, que têm dessa maneira um aprendizado muito facilitado.

Os “mass media”, porém, com a invasão de informações — muitas vezes heterogêneas, contraditórias e entre si alternativas — *estão demolindo a estrutura unitária no interior das várias culturas* (bem diversa era a situação quando, por exemplo, só havia o pároco, o prefeito e a professora para sugerir orientações ao povo de uma aldeia...). Isso está na origem de tanta confusão na esfera dos costumes civis e religiosos, e convém sabê-lo.

Os “mass media”, nestes anos em grande desenvolvimento e também mais prepotentes, comunicam sobretudo através da imagem e do

espetáculo, expondo o receptor *ao risco bem real da superficialidade* (O homem audiovisual!). A coisa é muito mais inquietante para o educador salesiano, quando o rádio, o cinema, a televisão se mostram, na realidade, pouco abertos ao que mais o interessa, isto é, a evangelização.

Com razão dá-se aos “mass media”, como lembrou o Capítulo Geral 21, a qualificação de “escola paralela”, pois podem influir sobre os meninos pelo menos tanto quanto (e talvez mais de quanto) a escola. Basta pensar nas horas que os meninos passam todos os dias durante o ano escolar, e mais ainda nas férias, sentados diante do televisor, para compreender quão freqüentada é a escola paralela e... com que interesse assistem a ela.

A Comunicação Social, como concretamente se está realizando, não é nunca desinteressada ou gratuita; todo centro de difusão das mensagens tem atrás de si *grandes organizações econômicas*, que muitas vezes são também *centros de poder ideológico* impregnados de costumes não evangélicos. A difusão das mensagens é assim habitualmente instrumentalizada. Não é imaginário o perigo de uma incidência deformadora.

Neste ponto é fácil constatar que às extraordinárias capacidades dos instrumentos de Comunicação Social nem sempre de fato — raramente até — corresponde uma utilização deles em sentido verdadeiramente positivo e construtivo. Por si, tais meios são certamente capazes de promover o desenvolvimento individual e social, de favorecer o exercício da liberdade, a autonomia, a participação, a solidariedade humana e cristã. Mas de fato — como o demonstra a experiência quotidiana — eles muitas vezes não se propõem isso.

Se hoje quisermos deveras educar e evangelizar, não podemos proceder como tempos atrás, prescindindo dos impactos da Comunicação Social como se não existissem; ao contrário somos convidados a inserir-nos nas novas situações, a aceitar o novo tipo de jovem e de sociedade, a mergulharmos nela com coragem e plena disponibilidade, e com a criatividade de Dom Bosco.

Exigências concretas para o Salesiano

É, pois, necessária uma nova presença na área vasta e importante da comunicação social, e devemos promovê-la em diversos níveis.

Ela é mais do que nunca urgente e atinge o Salesiano nos seus vários aspectos, quer de indivíduo-receptor, quer de mestre-educador, como de apóstolo-comunicador. A Comunicação Social não só o envolve com a sua problemática geral como um habitante qualquer da “aldeia global”, mas exige dele uma revisão e um repensamento que enriqueça com novas luzes sua inteligência crítica e sua própria consagração religiosa.

Eis aí um primeiro ponto ao qual devemos prestar atenção: *a Comunicação Social não se identifica, com efeito, com os “media”* (“mass media” ou “group media”). Numa visão cristã a Comunicação Social tem “como finalidade primordial a comunhão e o progresso da sociedade humana”,⁸ e orienta o uso dos “media” a “dar a conhecer os problemas e aspirações da sociedade humana, para que sejam satisfeitos o mais rapidamente possível, contribuindo assim para estreitar os laços de união entre os homens”.⁹

8. *Idem*, n. 1

9. *Idem*, n. 6

Ou seja: *“Pela sua própria natureza, a comunicação social contribui para que os homens,*

comunicando-se entre si, adquiriram uma consciência mais profunda da vida comunitária".¹⁰

10. *Idem*, n. 8

Por isso a Comunicação Social é uma dimensão da convivência humana de altíssimo valor, constitutiva da própria cultura, ainda que fortemente ligada ao progresso técnico e ao tipo de civilização em que se faz.

Os "*mass media*", ao invés, são, por si, apenas instrumentos, ainda que muito aperfeiçoados. Mas aqui não devemos ser superficiais e crer que com esta distinção, entre "Comunicação Social" e "media", consertamos as coisas. A distinção existe, sim, e é verdadeira, mas não comporta de fato a possibilidade de uma mútua separação deles. "Comunicação Social" e "media" compenetraram-se reciprocamente de forma inseparável: dessa inseparabilidade nasceram linguagens novas que movem com particular eficácia a cultura emergente. O segredo positivo dessa compenetração estaria em saber conservar o primado da natureza e da finalidade própria da "Comunicação Social": seria preciso que se olhasse para os "media" e se soubesse fazê-los funcionar com a intencionalidade reta e humanizante da "Comunicação Social". Mas esta é uma obra imensa de educação e de evangelização a ser intensificada e aperfeiçoada.

De qualquer maneira os "*mass media*" correm, como a palavra indica, para transmitir dados justos e idéias a um grande número de pessoas; evidentemente comunicam de fato muitas mensagens: deveriam fazê-lo, como dizíamos, procurando aproximar-se cada vez melhor do escopo primário e da natureza própria de uma justa comunicação social.

O elenco dos "media" é muito amplo: vai do livro ao jornal, à revista, à publicidade, ao cinema, ao rádio, à televisão, ao disco, aos cassetes, ao vídeo-teipe etc., com uma perspectiva de ficção científica na "temática" espacial. Pen-

semos, por exemplo, no mundo de conhecimentos a que nos poderão abrir os “bancos universais de dados”, que podem ser consultados por telefone ou videofone.

O perigo fácil de identificar praticamente a “Comunicação Social” com o funcionamento atual dos “media”, leva inconscientemente a *deixar-se dominar* por esses instrumentos ou a *proscrevê-los indiscriminadamente*, com prejuízo da compreensão e reto entendimento da natureza e do fim da “Comunicação Social”. Assim muitos receptores acabam por ser fortemente condicionados pelo fascínio e pela novidade que as novas técnicas trazem consigo, sem aprender a julgar o valor de suas mensagens, muitas vezes negativas, que provocam superficialidade, acostumam a modelos de comportamento defasados e propagam a hegemonia de diferentes ideologias de poder.

Outros, poucos embora, prescindem asceticamente do seu uso, acabando praticamente, se não por desprezá-los, ao menos por desconhecer-lhes a importância, excluindo dessa maneira toda inventiva e responsabilidade apostólica no campo da “Comunicação Social”.

Um cristão comprometido, e particularmente um religioso de vida ativa, deve aprimorar e intensificar: *tanto a acuidade crítica* da sua fé acerca do atual funcionamento dos “mass media”, *como os dinamismos apostólicos* da sua esperança para que o Evangelho penetre a nova cultura através de um uso adequado dos instrumentos oferecidos pela atual civilização tecnológica.

Certamente *uma sadia atitude crítica tem hoje peculiar urgência* para que não sejam desqualificados os valores permanentes do Evangelho, nem no coração dos indivíduos, nem na opinião pública da sociedade.

Valha, como pequeno estímulo crítico, a sugestão dum conhecido escritor. Pergunta-se, por exemplo, como é que um cristão deve ler o jornal, e responde: como Cristo leria. Depois insiste: e Cristo, como leria? Para dar então uma resposta peremptória: "Procuraria nele as notícias do seu Reino!"¹¹

11. Michel Quoist. Encontro com Cristo

Pode parecer uma tirada de efeito; se entretanto procurarmos realizá-la para nosso uso pessoal dos "media", nas nossas leituras quotidianas, no tempo passado diante do vídeo, havemos logo de nos dar conta de que sua atuação prática exige profunda mudança de mentalidade, como também ilimitada inquietude sobre como os "media" manipulam a comunicação. *De aí um sincero e concreto propósito de reação apostólica, e também um verdadeiro empenho ascético, com autocritica no uso e também com uma inteligente mortificação no não-uso.*

Não é exagerado infelizmente reconhecer que há no uso dos "media" muito tempo perdido e muito material alienante da fé, que sói alimentar uma fantasia anti-consagração.

Portanto, é mister tomar em consideração algumas exigências concretas da Comunicação Social hoje para o Salesiano.

A luz dos dois últimos Capítulos Gerais podemos descobri-las em três grandes prioridades, a diferentes níveis:

Capacidade de evangelização através da Comunicação Social;

Formação do Irmão para a Comunicação Social;

Promoção da Informação salesiana.

Capacidade de evangelização através da Comunicação Social

A relação entre Comunicação Social e evangelização ou, se se quiser, mais concretamente, entre a utilização das linguagens e dos “media” da Comunicação Social para o Evangelho e o nosso estilo apostólico de “evangelizar educando”, incide profundamente sobre a atividade salesiana. O Capítulo Geral 21¹² traçou algumas linhas práticas. Trata-se não só de *educar aos “media”*, isto é, à leitura crítica das suas mensagens, mas também de *evangelizar com os “media”*. Abre-se assim vasto campo de iniciativas para as nossas atividades didáticas, educativas e culturais, para a animação cristã dos grupos juvenis, para a catequese, para a liturgia da Palavra...

Uma sã “pedagogia dos media” exige séria competência para a sua utilização, para a clareza dos objetivos a serem propostos, para um estímulo eficaz à criatividade, para a aquisição de uma capacidade emancipada e crítica diante das suas mensagens, para uma tomada de consciência da sua influência, para a possibilidade de exprimir-se com eles, dominando-lhes a linguagem e a tecnologia. Interessa também o papel fundamental que os pais e todos os educadores podem e devem desenvolver neste campo, sobretudo se se considera a condição da sociedade de hoje, pluralista ou totalitária.

Neste campo queria destacar dois aspectos do nosso compromisso educativo.

O primeiro é o de uma *sensibilização cada vez mais clara e acurada da natureza e do escopo primário da “Comunicação Social”, enquanto comunicação*. Encontra-se aqui, como dizíamos, o segredo positivo da permeação mútua entre “Comunicação Social” e “media”. O que conta é o próprio relacionamento entre

os homens, o crescimento na comunhão, no conhecimento mútuo, na compreensão das novas linguagens com a sua “literatura” para lá da sua “gramática”: com efeito, “a linguagem — dizia McLuhan — já é mensagem”!

O segundo, para nós particularmente caro, é o do “*ativismo juvenil*”, que é possível também em relação ao cinema, televisão, rádio, música (discos e cassetes...), imprensa, histórias em quadrinhos... e assim por diante. *Uma referência especial deve fazer-se ao teatro*, “que é — como diz a “*Communio et Progressio*” — uma das formas mais antigas e eficazes de comunicação entre os homens”¹³. “A contribuição dada ao teatro pelos recursos próprios dos outros meios de comunicação abriu à arte dramática novas possibilidades, justamente chamadas multi-mídia”.¹⁴

13. *Communio et Progressio*, n. 158

14. *Idem*, n. 159

“A Igreja tem grande apreço pelo teatro que, nas suas origens, estava muito relacionado com manifestações de caráter religioso. Também, atualmente, os cristãos devem mostrar interesse semelhante, de modo a poderem usar as suas grandes possibilidades.”¹⁵

15. *Idem*, n. 161

Nós, Salesianos, deveríamos por certo apreciar mais e reatualizar melhor essa atividade, que é parte não insignificante da nossa tradição educativa.

O cuidado de um sadio ativismo juvenil dedica-se a suscitar iniciativa, fantasia, responsabilidade comunicativa entre os jovens. Ele deveria ser como o “*específico*” que caracterize a *ação educativa salesiana*, respeitando sempre o discurso cultural, técnico e gramatical de base. Dom Bosco — em tempos de teatro “pré-fabricado” — liberou a criatividade teatral, as formas dramatúrgicas espontâneas. Poder-se-ia falar de maneira análoga para abrir aos jovens outros tipos de espontaneidade e intervenção sobre os “médias” de hoje.

Feitos esses dois destaques, lembro também que a “*Communio et Progressio*” quer que saibamos *promover e apoiar as “vocações para a profissão de comunicador cristão”* e também colaborar, nas Igrejas locais, para que surjam centros de produção e emissoras de rádio e televisão. Para nós permanece fundamental, também neste campo, a predileção pelos jovens e o interesse pelas classes populares.

Surgiram já em várias Inspetorias diferentes iniciativas, algumas delas qualificadas: centros de produção de audiovisuais, editoras, rádio e televisão salesiana, revistas para jovens, escolas de formação para a Comunicação Social... Mas são ainda poucas e (olhando para nossa presença no mundo) insuficientemente expressivas da nossa missão. Entretanto Dom Bosco nos havia profeticamente colocado na vanguarda.

Um sentido atualizado da nossa fidelidade deve levar-nos a reatualizar hoje o carisma de Dom Bosco com a mesma magnanimidade de doação e inventiva com que ele inseriu a sua ação pastoral no contexto e nas possibilidades da época.

Devemos considerar o vasto campo da Comunicação Social como *um lugar de interessantes e eficazes “novas presenças” para a Congregação e para a Família Salesiana.*

Serão iniciativas genuinamente nossas e promissoras, ainda que não sejam fáceis nem improvisadas.

Abrem-se aqui horizontes de esperança: há um espaço especial para o Salesiano Coadjutor, há uma exigência de programação mais coordenada com as Filhas de Maria Auxiliadora, há um grande apelo, com a intensidade de um brado, à toda a Família Salesiana: “... *filhos de Dom Bosco, unamo-nos!*”.

É preciso que tomemos realmente a sério a criatividade incansável do nosso Santo Fundador para a salvação da juventude e do povo.

Formação do Salesiano para a Comunicação Social

É um tema tratado explicitamente pela “Ratio”, que também apresenta, de maneira orgânica, linhas orientadoras para um plano-base, começando das etapas iniciais até à formação permanente.¹⁶

Trata-se de “uma preparação séria para a Comunicação Social, ao menos e sobretudo no que concerne à formação de receptor e comunicador. O salesiano receptor e comunicador é uma pessoa capaz de colocar-se em atitude crítica, e portanto livre e dialógico, no plano linguístico e cultural, com os conteúdos e as mensagens que lhe sejam ofertadas pela imprensa, pelo rádio, pelo cinema e pela TV; é, além disso, capaz de exprimir, propor e testemunhar a própria fé e transmitir em dimensão educativa aos jovens os conteúdos teológicos, éticos, sociais e culturais, utilizando adequada e corretamente a linguagem e os instrumentos da comunicação de massa e da comunicação de grupo”.¹⁷

É um compromisso formativo muito atual que nos atinge o coração.

O coração *de consagrados*: enquanto a fé de “religiosos-no-mundo” nos faz conhecer e distinguir com clareza e julgar com coragem evangélica o trigo e o joio; e enquanto a seqüela de Cristo, ou seja de “religiosos-não-do-mundo”, exige de nós o bom senso da temperança e a pedagogia de uma ascese e mortificação concretas, tanto pessoais como comunitárias.

Atinge também e de maneira muito particular o coração de *evangelizadores*: enquanto a caridade pastoral nos impele a ajudar os jovens e o povo no reto uso das linguagens e dos “media”, na crítica, na percepção dos valores, na pro-

16. Ratio. Anexo n. 3, p. 322-326

17. Ratio, n. 60

posta supletiva e complementar: o Salesiano deve saber promover inteligentes iniciativas que estimulem a atividade e o protagonismo dos destinatários para torná-los, a eles próprios, agentes de comunicação sadia e educativa nos nossos ambientes.

Este empenho de formação do nosso pessoal deve agora ultrapassar a fase do diletantismo e da boa vontade para evitar as improvisações e para *concretizar-se em programas orgânicos* que assegurem um mínimo de competência pessoal nos Irmãos. O Capítulo Geral 21 convida-nos a deixar certas reservas e atitudes puramente negativas que na prática mostraram-se inaceitáveis e apostolicamente estéreis.

Por analogia, conquanto fez Dom Bosco no século passado, devemos *ultrapassar a passividade de um critério unicamente defensivo e realizar verdadeira mudança de mentalidade*. Não esqueçamos que a Comunicação Social entra na nossa missão como um dos seus serviços principais. Convido-vos a reler a respeito também os artigos 27, 28 e 29 dos Regulamentos.

É importante, pois, que assumamos nos nossos centros de formação e nas Inspetorias o plano-base formativo da "Ratio". Assumi-lo com seriedade, ainda que gradualmente: com objetivos concretos a serem colimados (*salesiano-receptor, salesiano-comunicador, salesiano-especialista, salesiano-produtor de programas*); com conteúdos formativos distribuídos nas várias faixas de formação; com metodologia adequada e descoberta de bons professores, servindo-se com inteligência da colaboração de pessoas capacitadas.

Promoção da informação salesiana

Em julho de 1977, ano centenário do Boletim Salesiano, o P. Luís Ricceri escreveu uma circular sobre "As notícias de família"¹⁸, na qual insistiu acertadamente na indispensabi-

18. Atos do Conselho Superior, 1977, n. 287

lidade da chamada “informação salesiana”. As suas reflexões são importantes e válidas ainda hoje.

Ante o crescimento acelerado da Comunicação Social, o P. Ricceri descobria infelizmente uma crise da nossa informação, que atenua de maneira perigosa nosso sentimento de pertença à Congregação e à Família Salesiana. Sublinhava a urgência de um empenho unânime e efetivo que nos ponha em mútua comunicação “sem triunfalismos, mas serena e objetivamente”... “Há um provérbio — escrevia — que vale não só para os noivos ou os esposos, mas também para os religiosos perante sua Congregação e seu ideal: ‘Longe dos olhos, longe do coração’”.

Recentemente a “Ratio”, preocupada também com um maior conhecimento dos valores de Família, apresentou um quadro rico e detalhado de sugestões acerca das chamadas “matérias salesianas”¹⁹ com abundância de indicações quanto aos conteúdos e bibliografias.

19. Ratio, Anexo n. 1, p. 305-313

Sem uma informação substancial sobre as origens, a história e a vida atual da nossa Congregação e da Família Salesiana não há suficiente circulação de linfa vital no organismo, faltam impulsos válidos de identidade e o sentido de pertença se atrofia.

Ao contrário, com uma informação adequada (que seja circulação e comunicação de valores salesianos), cresce a vitalidade, enriquece-se a consciência e o entusiasmo pela própria vocação e cria-se a alegria familiar.²⁰

Se considerarmos com atenção essas autorizadas orientações, perceberemos de imediato que são três os níveis sobre os quais devemos concentrar a informação salesiana:

20. Cf. AA. VV. La Comunicazione e La Famiglia Salesiana — Coleção “Colloqui sulla vita salesiana”, n. 8 — LDC, 1977

● *elementos de história salesiana*, dos quais têm absoluta necessidade os que pertencem à Família de Dom Bosco. Sabemos que “o carisma dos Fundadores é uma experiência do

21. Cf. *Mutuae Relationes*, n. 11

Espírito Santo” transmitida no tempo com uma sua concreta tradição;²¹

● *conteúdos de reflexão sobre a realidade salesiana*: consciência teologal da nossa Vocação na Igreja, aprofundamento do espírito de Dom Bosco, do seu Sistema Preventivo etc. Todos eles valores dos quais se tem absoluta necessidade para a ação, porque “nada há mais prático do que uma idéia clara”;

● *notícias de atualidade de família*, sobretudo através das nossas publicações periódicas, para ligar o passado ao presente e superar as distâncias geográficas, colher assim a continuidade e integridade do projeto de Dom Bosco que se realiza no tempo e no espaço.

Já estamos caminhando segundo essas linhas de informação salesiana, mas há sempre necessidade de melhorar e crescer.

Com relação aos dois primeiros níveis, que se referem a quanto se vem chamando de “Salesianidade”, deve-se *produzir, divulgar, traduzir, adaptar, intensificar-lhe a assimilação*.²² Entre a causa de certa perda e obscurecimento dos valores do Sistema Preventivo nas nossas comunidades, o Capítulo Geral 21 nos diz que “uma explicação pode também ser dada pela escassa disponibilidade de documentação e literatura específicas na própria língua”.²³ Por isso, entre as linhas de ação o Capítulo diz que “as *Conferências ou Grupos lingüísticos* devem providenciar bibliografia salesiana suficiente e atualizada na própria língua. É também desejável a formação, a nível regional, de grupos de estudos salesianos, com possibilidade de serviços e publicações”.²⁴

22. Cf. *Ato do Capítulo Geral* 21, n. 19

23. Cf. *Ato do Capítulo Geral* 21, n. 99; e 153 d

24. Cf. *Ato do Capítulo Geral* 21, n. 342

Quanto ao terceiro nível das “notícias”, reveja-se a citada carta do P. Ricceri. Também hoje Dom Bosco deve ser notícia: a Congregação e a Família Salesiana têm necessidade das “notícias de família”.

Para isso é preciso que haja instrumentos para divulgar essas informações, e Salesianos preparados para fazê-lo. Pessoal, pois, no centro da Congregação (onde se criou o Secretariado da Comunicação Social), pessoal para os Boletins Salesianos locais e os Noticiários Inspeccionais... E ainda Irmãos e membros da Família Salesiana aos quais sejam confiadas outras publicações para a animação e o conhecimento da nossa vida.

Congratulo-me com os que já trabalham neste campo. Devemos reconhecer que a informação salesiana já tem operadores beneméritos através de alguns canais autorizados que apresentam com periodicidade um material escolhido e válido:

- os “*Atos do Conselho Superior*” (ACS) “órgão oficial para a promulgação das diretrizes do Conselho e para as informações salesianas”,²⁵ publicação trimestral confiada aos cuidados do Secretário Geral;²⁶
- o “*Boletim Salesiano*” em língua italiana (BS), revista quinzenal de informação e de reflexão da Família Salesiana, “redigida segundo as diretrizes do Conselho Superior”;²⁷ está sob a alta responsabilidade do Conselheiro para a Família Salesiana;
- a “*Agência Notícias Salesianas*” (ANS), noticiário mensal do Departamento de Imprensa do Secretariado central para a Comunicação Social; oferece as mais recentes informações da atualidade salesiana no mundo;
- o “*Dossiê Boletins Salesianos*” (DBS), publicado pelo Secretariado central da Comunicação Social, com material já elaborado para colaborar com os Boletins Salesianos locais;

25. *Constituições* 149

26. Cf. *Ato do Conselho Superior*, 1978, n. 291

27. *Regulamentos* 32

- os “*Noticiários Inspetoriais*” (NI), com notícias de família dentro das Inspetorias e sob a responsabilidade do Inspetor; há já alguns anos animam com resultado positivo a comunhão dos Irmãos e das comunidades.

Além disso tudo, é preciso cuidar também da *formação salesiana “para fora”*: aqui, sim, é preciso um despertador para acordar-nos! Hoje é necessário que não só no Centro, mas que onde quer que exista uma obra nossa, nos preocupemos em “construir, com a informação profissionalmente correta, uma imagem positiva, isto é, agradável e significativa, da realidade salesiana local e mundial”.

É também importante escrever nos jornais, enviar fotografias, relatórios, crônicas vivazes do que se faz a serviço dos jovens e nas missões, e informar também as emissoras de rádio, convidar a televisão a gravar algum “fato saliente da nossa casa”. Devem-se evitar, é óbvio, atitudes triunfalistas, mas não fará mal alguma publicidade do “bem”, num mundo tão cheio de realidades tristes; isso entra claramente no estilo de Dom Bosco: “Assim deve resplandecer a vossa luz diante dos homens, para que vejam o bem que fazeis e dê graças ao vosso Pai que está no céu”.²⁸

28. Mateus 5,16

A Comunicação Social envolve-nos a todos

Vimos que a Comunicação Social atinge de certo modo toda a vida do homem de hoje, sendo motor particularmente eficaz de dinamismo cultural. O Salesiano, agente de apostolado, encontra-se envolvido pela Comunicação Social quer nos aspectos positivos de informação, educação, divertimento, estudo e aprofundamento, ação social... quer nos aspectos negativos de superficialidade, pressão ideológica, justificação do mal, pornografia, consumismo,

vacuidade de ideais... Encontra-se, com efeito, continuamente com os instrumentos da Comunicação Social nas mãos, e usa-os da manhã à noite: livros, jornais, discos, cassetes, filmes, filminhos, rádio e televisor...

É verdade que algumas atividades no âmbito da Comunicação Social são estritamente reservadas a poucos especialistas, mas a certo nível (como indicamos) a Comunicação Social compromete e responsabiliza a todos.

Partindo das especializações e descendo às atividades habituais de todos, *a Comunicação Social pode envolver-nos nos seguintes papéis:*

- estudiosos pesquisadores no campo da Comunicação Social;
- formadores dos educadores e dos agentes intermédios;
- agentes de Comunicação para os nossos destinatários (escritores, jornalistas, editores, diretores, técnicos para cinema, rádio, televisão);
- produtores da informação salesiana;
- operadores intermédios (delegados inspetoriais, responsáveis de livrarias...);
- educadores dos receptores (jovens e classes populares);
- simples receptores e utilizadores.

Como se vê, a Comunicação Social envolve a todos. E nos envolve a nós precisamente enquanto Salesianos, porque nos permite mais eficaz evangelização dos jovens, das classes populares e das missões. Não quereria por isso que alguém fizesse — talvez inconscientemente — *uma injusta exclusão dos nossos Irmãos empenhados* em atividades especializadas nesta área, por exemplo nas editoras salesianas, no rádio, nos audiovisuais. Seria um grave erro

considerar tais Irmãos como salesianos de segunda categoria, empenhados em atividades marginais e, no fim de contas, pouco importantes ou mesmo estranhas à finalidade da missão salesiana. Não é assim. Os Salesianos que trabalham na Comunicação Social podem contribuir, e de fato contribuem, para a realização da missão salesiana tanto quanto os Salesianos empenhados nos colégios, nos oratórios, nas paróquias. Antes, trabalham com modalidades muito modernas e com grandes possibilidades de eficácia.

Procuremos, pois, interessar-nos mais pela Comunicação Social, e com largueza de vistas. Procuremos adquirir adequada competência nela e garantir nas Inspetorias e Casas a aplicação, nela, das orientações da Igreja e dos nossos dois últimos Capítulos Gerais.

Conclusão

Queridos Irmãos, Dom Bosco, levado pela sua inata capacidade de prever o futuro, havia intuído o peso cada vez maior que a Comunicação Social estava assumindo. Pôs-se a trabalhar neste campo desde o início do seu apostolado, e disse a propósito da imprensa: *"Nesta coisa Dom Bosco quer estar na vanguarda do progresso"*. Soube ser santamente audaz, e, por causa do uso da Comunicação Social de forma incansavelmente voltada à sua missão, contrariou os inimigos da Igreja e até sofreu atentados à sua vida.

Nós hoje não podemos ficar atrás. "Nós — escreveu o P. Ricceri na citada circular — somos filhos de um encadernador, tipógrafo, impressor, jornalista, escritor, editor",²⁹ e devemos honrar essa nobre herança.

Deveremos agir com a máxima seriedade e não com leviandade nem improvisação: hoje

29. Carta sobre "As notícias de família"

a Comunicação Social é ciência, é técnica e é arte difícil, requer cultores competentes e sacrificados. É também arriscada: por tantos aspectos nasce pagã e precisa ser batizada, e pode seduzir e também afastar da vocação e da fé.

Mas é um caminho que nos cumpre percorrer, segundo também a exortação explícita da Igreja: "Seria impossível, hoje em dia — lemos na 'Communio et Progressio', n.º 126 — cumprir o mandato de Cristo, sem utilizar os recursos oferecidos por estes instrumentos que permitem levar a mensagem a um número muito superior de homens".

Será, pois, conveniente que na "*programação inspetorial*" tenha-se explicitamente em consideração a Comunicação Social, encarregando alguém de a orientar e estimular. Na *animação de cada comunidade* não se esqueça este importante setor.

Peçamos luz e coragem à Virgem Auxiliadora, que lançou Dom Bosco em tão exigente missão. Ela que profeticamente viu seu mistério comunicado nos séculos ("todas as gerações me chamarão bem-aventurada!"), faça com que nos dediquemos magnanimamente a esta atualíssima tarefa.

Sintamo-nos membros responsáveis e ativos do Povo de Deus, o qual "caminha na história. Chamado a comunicar ou a receber comunicação, olha com confiança e até entusiasmo para o futuro e para as promessas que uma idade espacial de comunicações lhe pode oferecer".³⁰

30. *Communio et Progressio*, n. 187

Queridos Irmãos, inspiremo-nos em Dom Bosco e aceitemos o desafio dos tempos!

Com grande confiança em Deus,

P. EGÍDIO VIGANÓ

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

P. João RAINERI

2.1 O PENSAMENTO DE DOM BOSCO COMO PROGRAMA DAS EDITORAS SALESIANAS

Em 21 de fevereiro de 1927, por ocasião do decreto sobre a heroicidade das virtudes, Pio XI exprimiu um juízo solene e elogioso sobre Dom Bosco: Dom Bosco era "... uma alma que, em qualquer caminho se metesse, teria por certo deixado grandes sinais de sua passagem, de tal modo estava ele ricamente preparado para a vida...", porque tinha força, vigor de mente,... esclarecido, vasto e elevado pensamento, e incomum, antes superior de longe ao ordinário vigor de mente e de engenho, e próprio também (coisa geralmente pouco conhecida e pouco notada) daqueles engenhos que se poderiam chamar engenhos propriamente ditos: o engenho de quem podia tornar-se um douto, um pensador, um escritor". O papa continuava assim:

"(Dom Bosco) — ele mesmo no-lo confidenciava, e não sei se o confidenciou a outros; talvez animou-o a proveniência do mesmo ambiente de livros — ... sentiu um primeiro convite na direção dos livros, na direção das grandes compreensões ideais. E disso restaram sinais, quais membros esparsos..., nos seus volumes, nos seus opúsculos, *na sua grande propaganda estampada*. Nesta aparece a grande, altíssima luminosidade do seu pensamento, que lhe traçou as inspirações daquela grande obra, da qual devia encher antes a sua vida, depois o mundo inteiro; e ali se encontra o primeiro convite, a primeira tendência, a primeira forma do seu poderoso engenho: *as obras de propaganda tipográfica e livreira foram justamente as obras da sua predileção*.

Também isso nós vimos com os nossos olhos e ouvimos dos seus lábios. Essas obras foram o seu nobre orgulho. Ele mesmo nos dizia: 'Nestas coisas Dom Bosco — assim falava ele de si, sempre na terceira pessoa — nestas coisas Dom Bosco quer entrar na vanguarda do progresso', e falávamos de obras de imprensa e de tipografia" (MB XIX 81).

A confirmação dessas observações de Pio XI encontram-na no que Dom Bosco disse e escreveu a respeito da atividade editorial, e, em segundo lugar, na sua atividade como autor e editor.

Entre as muitas fontes escritas, a mais importante é uma circular de 19 de março de 1885 que se encontra no epistolário, Vol. IV, n. 2539, p. 318, fruto de experiência e reflexão, cujas idéias foram por ele expressas também em muitas outras ocasiões, e representa uma espécie de “testamento” sobre este argumento aos Salesianos.

Daremos também um rápido olhar a quanto ele fez, para depois tirar algumas orientações de atualidade.

1. O pensamento de Dom Bosco em relação à atividade editorial

1. Considerou a difusão de bons livros como uma “missão” a ele confiada pela Providência:

“Foi essa uma das principais incumbências que a Divina Providência me confiou; e vós sabeis que dela me ocupei com incansável energia, não obstante tantas outras ocupações. O ódio furioso dos inimigos do bem, as perseguições contra a minha pessoa demonstraram que o erro via nesses livros um adversário formidável e por motivos contrários um empreendimento abençoado por Deus” (Circular de 19.3.1885).

2. Considerava o sucesso desse trabalho como um sinal de especial proteção de Deus:

“... a difusão desses livros é um argumento para provar a especial assistência de Deus. Em menos de vinte anos chegam a perto de vinte milhões os fascículos ou volumes por nós divulgados entre o povo...”. Supõe que se alguns não tiveram muita aceitação, outros terão tido pelo menos bom número de leitores, pelo que “pode-se acreditar com certeza que o número daqueles aos quais os nossos livros fizeram bem é de muito superior ao número dos volumes publicados” (ib).

3. Tinha idéias amplas, de verdadeiro grande editor, para grandes lances, segundo cânones modernos. O P. Ceria nas *Memorie Biografiche*, vol. XI, dedica todo um capítulo ao apostolado da imprensa de Dom Bosco e dos seus primeiros colabo-

radores — muitos dos quais ele transformou em escritores — e alude a duas empresas, ideadas por Dom Bosco, uma das quais realmente grandiosa:

a) Um plano para tornar conhecida a vida e divulgadas as obras de São Francisco de Sales, considerado como o mais válido pensador católico diante do pensamento protestante.

b) Um plano amoroso e longamente acariciado de reimprimir os Bolandistas e, por que não?, o Migne! Para isso havia também ideado um plano de lançamento e difusão que não faria má figura ao lado dos planejamentos modernos de propaganda: uma rede de “correspondentes”, distribuidores e assinantes; era um plano prudente de financiamento e de associação com reais vantagens para os que o aceitassem e, naturalmente, também para ele (MB XI 438 ss).

4. Não considerava essas iniciativas como ações pessoais, mas como parte da missão da Congregação e da Família Salesiana. Aqui também são numerosos os testemunhos.

a) No primeiro manuscrito das Constituições, escrito pelo P. Rua e que traz correções de Dom Bosco (Arquivo Salesiano 022; cf. MB V 931 e X 622), se lê: “A necessidade de defender a religião católica faz-se agora gravemente sentir mesmo entre os adultos da classe popular e especialmente nos povoados do campo; por isso os congregados se esforçarão... por que, com a palavra e com os escritos, se ponha uma barreira à impiedade e à heresia...”; recomenda ainda de modo especial a “publicação das Leituras Católicas”. Isso passou à redação latina das constituições apresentada à Santa Sé em 1864 (MB VIII 1061) e para a aprovação definitiva em 1873, onde se diz que são instrumentos da missão salesiana “libri evulgati per officinam librariam ab anno 1862 institutam in Asceterio Taurinensi...” (MB X 958-959).

b) Enviando à Santa Sé a primeira Relação trienal sobre o estado da Congregação, em março de 1879, escreveu: “Os Sócios dessa Congregação... empenham-se também em compor, publicar e difundir bons livros, distribuindo cada ano mais de um milhão” (MB XIV, 218).

c) Escrevendo em 1876 o Regulamento dos Cooperadores Salesianos lembrava-lhes, entre as maneiras de cooperar: “Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, mediante a difusão de bons livros, de folhas volantes, folhetos impressos de qualquer gênero,

nos lugares e famílias em que parecer prudente fazê-lo" (Reg. IV, 3).

d) Aos seus filhos recomenda diretamente, quase como testamento, a atividade editorial na carta de 19 de março de 1885, com expressões insistentes: "... desejo ardentemente recomendar-vos, para a glória de Deus e a salvação das almas, a difusão dos bons livros...

Os bons livros divulgados entre o povo são um dos meios adequados para manter o reino do Salvador em tantas almas.

Eu vos peço e esconjuro, pois, que não descuideis essa parte importantíssima da nossa missão" (Circular, 19.3.1885).

e) Mais ainda: para não ser mal-entendido, lembra as Constituições: "A difusão dos bons livros é um dos fins principais da nossa Congregação. O artigo 7 do parágrafo 1 das nossas Regras diz que os Salesianos 'se esforçarão por difundir bons livros entre o povo, servindo-se de todos os meios que a caridade cristã inspirar. Com as palavras e com os escritos procurarão opor uma barreira à impiedade e à heresia... A isso deve visar a difusão de bons livros'" (ib).

5. Se em sua atividade de escritor e editor Dom Bosco atendeu, de início, ao seu particularíssimo sentido das urgências e também a uma inclinação natural, foi em seguida amadurecendo um verdadeiro plano orgânico dentro do qual se foram colocando as várias iniciativas. É possível delinear esse plano de edições e de difusão com base em testemunhos precisos:

a) *Plano de produção*: "as nossas publicações tendem a formar um sistema ordenado que abraça em vasta escala todas as classes que constituem a sociedade humana", ainda que a "preferência" seja para os jovens e as camadas populares.

Nesse plano entram livros:

- * instrutivos, como as *Leituras Católicas*;
- * *de formação e vida espiritual*, como o *Jovem instruído* (e o *Cristão instruído*);
- * históricos e literários, para divulgação e instrução e defesa da verdade contra os erros difundidos sob pretexto de cul-

tura; ex. *A História da Itália, A História Sagrada, A História dos Papas*;

- * *amenos e recreativos*; “eu desejava ser companheiro deles — dos jovens — na hora do recreio”;
- * “*salesianos*” como o *Boletim Salesiano*, para “manter vivo nos jovens de volta às suas famílias o amor ao espírito de São Francisco de Sales e às suas máximas e fazer deles salvadores de outros jovens”;
- * *livros escolares*, como as diversas coleções (cf. Carta citada, *passim*).

b) *Plano de divulgação*: ele pensava antes de tudo que suas Casas e obras, seus cooperadores e amigos, formavam uma rede natural de difusão (carta citada). Já citamos o que pensava a respeito do Migne e dos Bolandistas. Pode-se acrescentar que quando da morte de Dom Bosco haviam surgido por sua iniciativa bem 18 livrarias, das quais 9 na Itália e 9 no estrangeiro (França, Espanha, Argentina, Brasil, Equador). Ele as considerava como elementos de um único plano grandioso (E. VALENTINI, *Don Bosco e l'Apostolato della Stampa*, Torino, 1957, p. 12).

c) É também interessante, para confirmar sua mentalidade empresarial, lembrar que o sucesso da difusão das Leituras Católicas estava confiado a uma vasta rede de “correspondentes” em cidades, aldeias e até nos pequenos povoados em toda a Itália (VALENTINI; id. p. 15ss.).

6. Quanto aos *critérios* de Dom Bosco convém lembrar que a finalidade apostólica não lhe impedia de cuidar da solidez empresarial das suas atividades; para isso dizia serem necessárias duas coisas:

- * preços módicos
- * grande difusão.

Não pôde dar o seu parecer sobre os preços enquanto não teve em casa a sua tipografia. Instalou primeiramente uma, modesta, que aos poucos aumentou, colocando-a ao lado das maiores de Turim. A um determinado momento, e por vários anos, teve também a fábrica de papel de Mathi Turinense. Na exposição de Turim de 1884, Dom Bosco havia apresentado, num *stand* muito admirado, o ciclo completo que ia da produção do papel à saída

do livro impresso; queixou-se depois porque o veredicto do júri e o prêmio outorgado parecia-lhe inferior ao mérito e ao juízo do público (MB XVII 225 ss).

Em 1875 a tipografia de Turim já contava dez máquinas, com fundição de tipos, estereotipia e calcografia. No mesmo tempo abriu uma livraria minúscula, que depois cresceu a ponto de superar em movimento todas as outras de Turim.

Dom Bosco sentiu-se felicíssimo quando se sentiu à vontade para lançar os livros por ele editados

- * em grande quantidade,
- * em todas as direções,
- * dando-os a preços tão módicos que até gente de poucos recursos podiam adquiri-los.

2. Algumas considerações sobre a ação editorial de Dom Bosco

1. O projeto de uma atividade editorial às próprias custas surgiu em Dom Bosco quando começou a tomar forma o das Leituras Católicas, isto é, em 1853. Após haver traçado o plano de divulgação, ou, como se dizia então, de “associação”, teve que imprimi-las em outros editores até 1861, quando finalmente, com duas velhas máquinas a roda, uma prensa e um banco rudimentar com as caixas de tipos, pôde dar início a uma tipografia editora, a “*salesiana*”, que está nas origens de toda a atividade salesiana do gênero e também, portanto, da SEI, que o escritor dos Anais chama de “*emanação salesiana em grande estilo*” (CERIA, *Annali*, I, p. 689).

É característico o que Dom Bosco disse a propósito: “*Haveis de ver! Teremos uma tipografia, duas tipografias, dez tipografias!*”; são as expressões que no início da sua atividade tinha usado para descrever o futuro de toda a sua obra; só que então ninguém o tinha levado a sério; agora, porém, sabiam todos que quando assim falava tinha em mente planos precisos e a vontade, igualmente decidida, de realizá-los.

Com efeito, acrescenta o historiador que Dom Bosco “realizou em Valdocco um estabelecimento tipográfico cuja maquinaria nada devia invejar aos melhores de Turim” como se vê na Exposição Nacional de Turim de 1884 (CERIA, *Annali*, I, p. 685).

2. À luz desse fato assume particular destaque uma expressão da circular de 19 de março de 1885, várias vezes citada:

“Não vos digo que atingi o meu ideal de perfeição: digo, ao invés, que cabe a vós coordená-lo de maneira a ficar completo em todas as suas partes” (1. c.).

Lembramos que em outras ocasiões Dom Bosco disse que ele havia feito o rascunho de um desenho com o qual seus filhos deveriam fazer uma obra-prima. Podemos, pois, subscrever a afirmação de que “Dom Bosco foi escritor, editor e apóstolo da boa imprensa e deixou essa missão em herança aos seus filhos” como um aspecto que não é nem periférico nem secundário da sua multiforme atividade, e que, se não se pode dizer o fim principal da sua obra e da sua vida — que é a missão evangelizadora e educadora da juventude e do povo — “deve-se, entretanto, colocar entre as finalidades maiores da sua atividade apostólica” (VALENTINI, *Don Bosco e l'Apostolato della Stampa*, p. 7-8; Torino, SEI, 1957).

3. Que seus filhos tenham compreendido e realizado tudo isso, é história de todos conhecida; não há país onde estejam presentes os Salesianos, nos quais não hajam florescido, e logo, atividades editoriais. Antes, enquanto a respeito de outras atividades de Comunicação Social houve dúvidas e reservas, nunca ninguém duvidou que a imprensa fazia parte da missão salesiana e que ocupar-se dela era questão de fidelidade a Dom Bosco.

Pode-se, todavia, sublinhar que a nós — Salesianos e filhos de Dom Bosco da geração que sob o impulso de renovação querida pelo Concílio Vaticano II vão explorando as suas intenções, para renová-las no espírito da fidelidade dinâmica, que não só repete quanto Ele fez de válido, mas busca sobretudo os meios para torná-lo mais eficaz, atualizando métodos e instrumentos, para que sejam eficazes para a juventude e o povo do nosso tempo como foram as suas iniciativas para os de então — é sobretudo necessário o mesmo sentido de oportunidade, a mesma criatividade e magnanimidade que Ele teve para não fugir ao desafio que nos fazem os tempos e as circunstâncias, e imitá-lo no saber-lhe responder.

Essa é a linha de fidelidade à qual nos levam os nossos dois últimos Capítulos Gerais. É por isso que, após um período de incerteza, a Congregação moveu-se assumindo também outras formas de Comunicação Social que ainda não existiam no tempo de Dom

Bosco, mas que são hoje instrumentos insubstituíveis para a nossa missão. “A Igreja — dizem as Constituições Salesianas renovadas — reconhece que os instrumentos de comunicação social são dons de Deus, destinados a unir e a fazer progredir os homens. Dom Bosco intuiu-lhes a importância e utilizou, em seu tempo, a imprensa e o teatro como meios de sadia distensão, de educação humana e cristã e de ação apostólica. Tendo em conta seu desenvolvimento e influxo ambivalente sobre a sociedade, mormente sobre os homens, a Congregação empenha-se pela promoção e pelo uso pedagógico-pastoral de tais instrumentos” (*Const.* 32).

E nos Regulamentos que dão linhas mais precisas aos compromissos constitucionais se afirma: “Um dos principais fins da Congregação — são as palavras de Dom Bosco! — que se deve realizar com todos os meios sugeridos por ardente caridade, é a difusão da imprensa de inspiração cristã. Para atingir plenamente essa finalidade, os Salesianos que tenham capacidade, segundo as exigências do nosso apostolado, empenhar-se-ão em escrever e publicar livros e revistas de caráter religioso, cultural e escolar, destinados à juventude e ao povo” (*Reg.* 27).

4. Creio que a Congregação deve entrar mais decididamente nesta visão global da imprensa dando muitos passos mais decididos nas direções apontadas por Dom Bosco.

“Desde o início, Dom Bosco, sem desprezar a publicação de livros avulsos, secundando seus dotes de organizador, seu sentido moderno de publicidade, seu desejo de difundir sempre mais a boa imprensa de forma sistemática e duradoura, dedicou a sua atividade à publicação de Coleções e de Bibliotecas com um objetivo determinado, e cujos volumes mutuamente se apoiassem e ajudassem a venda.” Coleções e Bibliotecas eram, observa o P. Valentini, a grande novidade do seu tempo: Dom Bosco não hesitou em tomar tais iniciativas porque lhe pareciam as mais adaptadas para atingir o seu fim (Valentini, o.c., p. 13s).

Foi justamente na organização dessas Coleções e Bibliotecas que Dom Bosco manifestou claramente o seu escopo e mostrou o vigor da sua genialidade. Vou examinar duas, porque nelas encontro mais claramente expresso o motivo do seu interesse pela imprensa e indicações válidas ainda hoje para nós.

5. A coleção mais feliz lançada por Dom Bosco foi a das “Leituras Católicas”. Na circular várias vezes citada Dom Bosco situa essa iniciativa num plano global:

“... nossas publicações tendem a formar um sistema ordenado, que abraça em vasta escala todas as classes que formam a sociedade humana... Com as Leituras Católicas, ao mesmo tempo que desejava instruir todo o povo, tinha em vista entrar nas casas, fazer conhecer o espírito dominante nos nossos colégios, e levar os jovens à virtude, especialmente com as biografias de Sávio, Besucco e semelhantes” (o. c.).

No “plano de Associação” encontram-se indicações mais precisas: “O escopo desta associação é a difusão de livros de estilo simples e forma popular. A matéria será instruções populares, contos amenos, histórias edificantes, mas que dizem respeito exclusivamente à Religião Católica” (MB V 532).

Reafirmada assim a vontade clara de servir-se da imprensa para a vivificação da fé católica, já se interessa por tudo quanto pode favorecê-la na juventude e no povo, que assimilam mais facilmente a verdade se ela não só é exposta em tratados catequéticos ou morais, mas permeia quanto satisfaz os interesses e aspirações culturais: instruções populares, contos amenos, histórias edificantes. Creio que hoje poderíamos dizer que Dom Bosco teria em conta que no nosso tempo o enfoque cultural do povo está um tanto transformado e ao lado do interesse pela narrativa colocam-se também divulgações científicas, históricas, pesquisas, estudos de variados argumentos e questões para os quais os “mass media” despertam a curiosidade e o interesse do povo.

Deve acrescentar-se que Dom Bosco, quando fala de “estilo simples e forma popular”, demonstra seu sentido realista das coisas, da sua criatividade, porque escolhe decididamente o caminho reto da comunicação com o povo, que não era muito seguido em seu tempo:

“... pode-se notar o abismo que há... entre o seu estilo e o de muitos contemporâneos seus, que entretanto são célebres como literatos de profissão. A espontaneidade, o imediato, a concretude do seu modo de expor são admiráveis, e estão no pólo oposto da retórica oitocentista que embriagava autores muito em voga. Dom Bosco não pretendeu nunca tornar-se literato, mas, justamente por isso, adquiriu e formou para si um estilo todo próprio, que o coloca no número dos melhores autores italianos do seu tempo” (VALENTINI, o. c. p. 10). Pode-se acrescentar que também neste campo seu valor foi reconhecido: recebeu um prêmio pela

sua *História da Itália*, conferido pelo Ministro da Instrução Pública Giovanni Lanza (MB V 503) e um elogio de Niccolò Tommaseo (MB VI 291 ss). Creio que se possa subscrever o juízo que de Dom Bosco escritor e editor fez o P. José De Luca, quando observava que uma história da atividade livreira de Dom Bosco em tempos calamitosíssimos “seria sem dúvida um capítulo honroso, quando se quisesse narrar a cultura dos católicos italianos do oitocentos” (Oss. Rom. 15 de junho de 1933; citado em CERIA, *Annali*, I, p. 689).

Creio que se pode concluir que Dom Bosco, que se fez escritor e editor pelo bem da religião e pela salvação da juventude e do povo, sensível às mudanças culturais do seu tempo, encontrou-se envolvido também numa notável empresa de promoção cultural em benefício da juventude e do povo, as classes do futuro.

6. No campo da cultura, Dom Bosco foi, como em outros campos, um precursor. Tendo vivido num tempo em que começava o assalto da cultura leiga e anti-religiosa à tradição cultural cristã não só na Itália, Dom Bosco não se limitou como muitos fizeram a denunciar o fato, mas começou, com todas as forças que tinha à disposição e da maneira que correspondia à mentalidade do seu tempo, aquilo que podemos chamar, usando uma expressão de Paulo VI, “a Evangelização da cultura” (Evangelii Nuntiandi, n. 20).

Fê-lo com os textos escolares, com os dicionários, e sobretudo com as coleções que foi criando à proporção que se lhe apresentavam novas exigências, dando também nisto prova da sua criatividade, do seu sentido da história, da sua capacidade de ler os sinais dos tempos, ou, como modestamente dizia, de compreender as circunstâncias e de se adaptar a elas. Nisto devemos dizer que talvez os Salesianos foram, em certo ponto, menos bravos que ele, porque, exauridas algumas formas de atividade por ele inventadas, tardaram em mudar, deixando as fórmulas já vencidas sem inventar com coragem formas novas como ele fez.

As *Leituras Católicas* tiveram, de qualquer forma, um grande sucesso. Para ficarmos na Itália, de 1853 a 1860 tiveram nove mil assinantes, que passaram a dez mil em 1861 e a doze mil em 1870; chegaram depois ao número máximo de quatorze mil com a tiragem de quinze mil opúsculos mensais, alguns dos quais tiveram numerosas reimpressões. Duraram com variável fortuna mesmo depois da morte de Dom Bosco até à metade do 1900.

Quando, após a segunda guerra mundial, a fórmula pareceu superada, os Salesianos tentaram renová-la; uma tentativa foi “Meridiano 12”, por obra do P. Ricceri.

Agora os Cooperadores Salesianos relançaram as *Leituras Católica*s de Dom Bosco com leves opúsculos mensais da coleção “Mondo Nuovo”.

Variável fortuna tiveram as numerosas edições estrangeiras, uma das quais, “*Nuestro Tiempo*”, do México, ainda subsiste.

7. Creio que convém deter-nos ainda um pouco sobre o empenho cultural de Dom Bosco. E o fazemos indagando suas intenções em relação à primeira coleção, “Biblioteca”, por ele fundada, a BIBLIOTECA DELLA GIOVENTÙ ITALIANA.

Para compreender o alcance desta iniciativa convém lembrar que se promovia na Itália uma sistemática operação de laicização da cultura, que fazia parte do plano de enfraquecimento da Igreja e encontrava seu ambiente ideal na escola a todos os níveis, onde começavam a entrar textos de autores que não respeitavam a verdade, nem os valores cristãos nem a moral.

Dom Bosco compreendeu que não era suficiente abrir escolas, as quais atingiriam sempre um número limitado de alunos, mas era também mais eficaz ajudar um maior número de jovens mediante edições de livros seguros do ponto de vista moral e válidos do ponto de vista científico e literário.

Dom Bosco encontrou-se então diante de um dilema de muito difícil solução: como podia um editor cristão editar livros prescritos pelos programas governamentais, válidos do ponto de vista literário, científico e artístico, mas com páginas escabrosas? Discutiu longamente a questão com pessoas dotas e prudentes, “de indiscutível competência, de grande experiência didática e dedicação à boa causa” e depois decidiu-se pelas chamadas “edições expurgadas” contra as quais alguns reagiram, mas que ajudaram muitos professores, entre eles muitos sacerdotes e religiosos, muitas famílias e muitos jovens a adquirir uma cultura segura sem se exporem a perigo moral: e a escolha, posta nestes termos, não podia ser duvidosa, especialmente no ambiente cultural do seu tempo.

Resolvido este problema, a 18 de novembro de 1868 ele lançou a *Biblioteca della Gioventù Italiana* com um “manifesto” no qual as

preocupações educativas e pastorais se compenetraram com as culturais. Dizia assim:

“A necessidade universalmente sentida de instruir a juventude estudiosa na língua italiana deve animar todos os cultores desta nobre linguagem a usar os meios que estão em seu poder para facilitar-lhe o estudo e o conhecimento.

Foi com esse objetivo que se ideou a *Biblioteca della Gioventù Italiana*. Seu escopo é publicar textos antigos e modernos que mais de perto possam interessar à juventude culta. Para tanto instituiu-se uma sociedade de beneméritos e célebres professores e doutores em letras, os quais se propõem:

- 1) recolher e publicar os melhores clássicos da nossa língua italiana na ortografia moderna, para que possam ser mais bem lidos e compreendidos pelo jovem leitor;

- 2) escolher os que pela amenidade do assunto e pureza de língua levem da melhor maneira à finalidade;

- 3) nos comentários, onde fosse o caso, far-se-ão tão-somente breves anotações que sirvam para explicar o sentido literal; neles serão seguidas as interpretações dos mais acreditados comentaristas;

- 4) julgamos conveniente omitir em parte ou de todo os autores que, embora de valor, apresentam matérias que ofendem a religião ou a moralidade;

- 5) será usado o máximo cuidado para que a parte tipográfica não deixe a desejar quanto à nitidez dos tipos, qualidade do papel e da impressão.

Isto posto, pomos mãos à obra, recomendando-lhe o bom êxito aos educadores da juventude e a todos os amantes da glória da língua italiana e do maior bem da juventude” (MB IX 429).

Em 9 de janeiro de 1869 foi publicado o primeiro volume da Biblioteca, que continha a História da literatura italiana de Maffei. A coleção terminou em 1885, depois de haver publicado 204 volumes com as obras maiores dos clássicos italianos; tinha 3.000 assinantes aos quais foram enviados todos os volumes; outros 570.000 foram vendidos em escolas e colégios durante a vida de Dom Bosco; mas mesmo depois de encerradas as assinaturas e depois da morte do santo continuou-se a vender milhares de cópias.

No catálogo da Biblioteca estavam presentes todos os séculos da literatura italiana, e com Dante, Manzoni, Balbo, Giusti, Alfani, não faltavam Petrarca e Boccaccio e outros autores que sem a coleção não teriam nunca entrado nas escolas católicas, nos seminários, e pensionatos religiosos.

Juntamente com a nata dos literatos do tempo, numerosos salesianos colaboraram para a Biblioteca, como Francesia, Cerruti e Durando, que foi o Diretor.

A grande imprensa formulou juízos lisongeiros. E é opinião comum que nem mesmo hoje se encontra uma coleção tão rica de clássicos italianos apresentados à juventude e a preço facilmente acessível aos jovens de famílias modestas com suficiente preparação para compreendê-los. Foi, então, uma obra de vanguarda. Quanto à questão da edição “expurgada”, nos perguntamos se — à parte a segurança moral — não foi também do ponto de vista cultural causa da grande difusão que ela teve e se não contribuiu bastante para o conhecimento dos autores; nem sempre nos livros os trechos moralmente discutíveis são estilisticamente os melhores. De resto, eram outros tempos.

8. Animado pelo bom êxito dessa operação cultural, Dom Bosco fundou outras coleções, inspiradas nos mesmos critérios, algumas destinadas especialmente à escola e aos jovens, outras claramente populares.

- * Pertencem ao primeiro grupo. 1. *Selecta ex Latinis Scripturis*, para a qual contribuiu o P. Francesia e publicou as obras do grande latinista que foi Tommaso Vallauri, valeu-se de literatos ilustres e formou também salesianos como Garino. A coleção passou depois para a SEI, enriquecendo-se com 180 volumes latinos e 120 escritores gregos. — 2. *Latini Christiani Scriptores*, lançada em 1877 para ajudar a presença dos clássicos cristãos ao lado dos pagãos, coleção aos cuidados do P. Tamietti, que logo se enriqueceu com a seção grega.
- * Ao segundo grupo pertencem: 1. As *Leituras Ascéticas* iniciadas em 1885, integradas por uma “*Coleção Ascética*” de 53 volumes, uma “*Pequena Biblioteca Ascética*” de 21 pequenos volumes e 57 “*Folhetos ascéticos*”. — 2. As *Leituras Dramáticas* que foram muito bem recebidas e não só diver-

tiram milhões de pessoas, mas foram também campos de formação para atores que se tornaram célebres. — 3. *Leituras Amenas*, de 1886: “saíram em graciosos e elegantes livrinhos... papel fino, em 16.º (os de bolso!), impressão nítida, com capa uniforme em cromotipia”, anunciava o “manifesto”! Tinham índole diversa, mas fim educativo. — 4. *Bibliotequinha do operário*, de 1885.

Dom Bosco foi também bom jornalista popular, simples e substancioso, como demonstra quanto escreveu para o *Boletim Salesiano* e para o *Amigo da Juventude*, tentativa de inserir-se como orientador dos jovens no diálogo político do seu tempo.

9. O *Boletim Salesiano* merece menção à parte. É sem dúvida o maior empreendimento editorial de Dom Bosco. Nascido em 1877 com um título significativo: “*Il Bibliofilo Cattolico*”, não só não deixou de existir, mas está ainda hoje em expansão com suas quarenta edições em 19 línguas e os 12 milhões de cópias anuais (cf. *Elenco dei Salesiani di Don Bosco* 1981, vol. 2.º, p. 234ss). O próprio Dom Bosco nos conta as origens dele. Pensava num “boletim mensal” para informar os Cooperadores das coisas feitas ou por fazer a fim de alcançar a finalidade da Associação, para ajudar todos a colaborar com unidade de espírito e orientar unanimemente os trabalhos para um ponto só: a glória de Deus, o bem da Sociedade Civil.

Dom Bosco acrescenta que o *Boletim Salesiano* acompanhando os seus Ex-alunos, tê-los-ia ajudado a conservar o espírito salesiano e a tornar-se apóstolos (Circular de 19.3.1885).

Tornou-se depois poderoso instrumento de informação e edificação interna para quantos se encontram na Família Espiritual de Dom Bosco, e instrumento igualmente válido para dar a conhecer à opinião pública o que a família de Dom Bosco vai realizando.

Não é uma revista, mas uma folha de notícias salesianas para divulgar um espírito, construir uma mentalidade, alimentar a simpatia para com a vocação e a missão de Dom Bosco, oferecer o seu projeto pastoral, estimular a agregação da sua família espiritual em todo o mundo. É de qualquer modo um grande fato editorial, imitado depois por muitas famílias religiosas.

10. Quem estuda a atividade editorial de Dom Bosco fica maravilhado antes de tudo com o trabalho feito por ele pessoal-

mente, com os muitos opúsculos e livros que escreveu: a edição anastática das obras de Dom Bosco tem 37 grossos volumes; Piero Stella tentou também um catálogo dos seus escritos impressos e nos deu uma lista de 1.174 títulos. Admira também a variedade dos argumentos: apologética, educação, história, divulgação (p. ex. do sistema métrico), literatura devocional, hagiografia. Tinha também pendores jornalísticos. Mas talvez foi maior ainda porque soube formar escritores como Lemoyne, Bonetti, Barberis, Francesia, Tirone, Cerruti e outros, e soube utilizar os melhores escritores que encontrou dispostos a secundar seu plano. Basta percorrer a lista dos autores das suas *Leituras Católicas* e das várias coleções que criou.

Vale a pena recordar ainda que ele pensou também numa organização internacional apoiada nas livrarias que seus filhos abriram logo nas grandes cidades ao lado de suas obras, permitindo p. ex. a publicação das *Leituras Católicas* em Buenos Aires, Niterói, Sarriá, Marselha, Colômbia...

11. Como autor e editor cristão Dom Bosco foi, naturalmente, muito dócil às diretrizes da Igreja e considerou a imprensa como um serviço à sua defesa e à afirmação das suas orientações. Isso se percebe muito claramente em alguns dos seus livros maiores como a *História dos Papas*, a *História Eclesiástica*, a *História da Itália*, que põe em relevo a imensa contribuição positiva dada pela Igreja à cultura italiana, a *História Sagrada* e o próprio enfoque de todos os seus empreendimentos editoriais. Testemunha-o o fato de que achou oportuno escrever uma breve *História Eclesiástica* porque nenhuma das existentes eram apropriadas ao povo e aos jovens.

“Encontrei, sim, obras por muitos títulos preciosos, mas para o emprego que eu visava são ou muito volumosas, ou se estendem mais do que o necessário pela história profana; algumas poder-se-iam denominar mais apropriadamente dissertações polêmicas sobre fatos da Igreja; outras são traduzidas de línguas estrangeiras, e tomam o nome de histórias parciais, não universais; o que não poderia observar sem indignação é que alguns autores parece que têm vergonha de falar dos romanos pontífices e dos fatos mais luminosos que interessam diretamente à Santa Igreja. Li todas as que pude encontrar escritas, nossas e estrangeiras, e de cada uma delas extraí os sentimentos e expressões que são mais

italianas (isto é, Romanas) e mais simples de acordo com a capacidade de um menino”.

Conclui dizendo que conta as coisas de modo que “não somente o intelecto se instrua, mas que também o coração se mova espiritualmente” (MB II 328-329).

Que Dom Bosco fosse um autor informado e moderno atesta-o o caso do livro que escreveu por ocasião do Centenário de São Pedro, elogiado pelo Papa Pio IX e por vários especialistas, mas que correu o perigo de ser posto no índice por haver sustentado que a vinda do Apóstolo a Roma, apesar de historicamente provada por ele com muitos argumentos, não se devia “considerar como ponto dogmático e religioso: isto se diz tanto para os católicos quanto para os protestantes”.

Hoje a ninguém admiraria essa afirmação. Antes, em clima ecumênico parece grandemente conveniente além de exata; mas então... Dom Bosco correu o risco de uma condenação e sujeitou-se a corrigir a expressão nas edições sucessivas (MB VIII 760ss).

Conservou até à morte estes sentimentos para com a Igreja. No seu testamento espiritual de setembro de 1884 há um capitulozinho intitulado “As publicações”, no qual prescreve uma diligente revisão de tudo quanto imprimiu, com as correções e esclarecimentos necessários.

Antes, uma solene declaração:

“Nos meus sermões, nos discursos e livros impressos fiz sempre o que podia para apoiar, defender e propagar princípios católicos.

Se, todavia, neles se encontrar alguma frase, alguma palavra que contivesse ainda que só uma dúvida, ou não fosse suficientemente explicada a verdade, eu entendo revogar, retificar qualquer pensamento ou sentimento não exato.

De maneira geral submeto todos os ditos, escritos, ou impressos a qualquer decisão, correção, ou simples conselho da Santa Madre Igreja Católica” (MB XVII 265).

Creio que com esta declaração de Dom Bosco podemos também nós terminar nossa pesquisa sobre as intenções de Dom Bosco, ajustando-nos, como filhos, às suas intenções.

Algumas conclusões e orientações

Creio que, querendo sintetizar e atualizar o pensamento de Dom Bosco sobre edições e imprensa, pode-se dizer:

1. Dom Bosco considerou a promoção da imprensa e as edições como um serviço importante e insubstituível da sua missão juvenil e popular.

2. No promover as edições Dom Bosco seguiu critérios atualizados, modernos, com opções sérias e atuações condignas e usando os melhores e mais eficazes meios que estavam à sua disposição, para uma produção popular, sim, mas de qualidade.

3. Sua suprema intenção era o serviço da Igreja e seu campo preferencial a educação da juventude e do povo, unindo à evangelização também a promoção humana e cultural, segundo o que com felicidade se chama o humanismo cristão de Dom Bosco.

4. Dom Bosco intuiu que para uma eficaz evangelização do povo e dos jovens era preciso apresentar um cristianismo não desencarnado, mas ajudar a encarnar a fé na cultura. Para isso a produção editorial promovida por Dom Bosco abraçava um vasto leque de obras:

- * religiosas e catequéticas; morais e ascéticas;
- * histórico-divulgativas de bom nível;
- * teológicas;
- * escolares e científicas;
- * amenas para educar deleitando;
- * jornalísticas.

É fácil ver a atualização das intenções de Dom Bosco nos três grandes campos sugeridos pela Comunicação Social salesiana em geral e na imprensa em especial, pelos nossos últimos capítulos gerais que a consideram como uma verdadeira "obra salesiana":

- * formação religiosa;
- * pastoral;
- * vária.

Esta última é hoje particularmente importante para a evangelização da cultura (Evangelii Nuntiandi 20), como diz o Reitor-Mor (cf. Carta aos Dirigentes, SEI, 24 de setembro de 1979).

5. Dom Bosco deu particular importância à preparação de salesianos para assumirem responsabilidades editoriais nos vários campos da imprensa salesiana.

6. A aguda sensibilidade pastoral de Dom Bosco ante às situações em que operava fez dele um leitor dos sinais dos tempos, que o levou em todos os campos à escolha dos instrumentos e maneiras de intervenção mais eficaz, pelo que é de todo coerente a atenção da Família Salesiana à Comunicação Social.

7. É possível tirar do pensamento e da ação de Dom Bosco as três grandes motivações que sugerem os nossos Capítulos Gerais 19, 20, 21 para um sério compromisso no campo da imprensa e da Comunicação Social:

- * fidelidade dinâmica à nossa vocação salesiana;
- * fidelidade à Igreja;
- * fidelidade a Dom Bosco e às suas intenções.

8. Na sua ação editorial Dom Bosco excluiu quanto podia qualquer improvisação e “mais ou menos”, agindo com critérios que hoje se poderiam dizer empresariais.

9. Considerando a atividade editorial como parte da sua missão, Dom Bosco envolveu nela toda a sua Família, destacando de modo particular o papel dos Cooperadores e dos leigos.

10. Dom Bosco favoreceu intercâmbios e colaborações de todo tipo entre as atividades editoriais promovidas pelos Salesianos nos diversos países.

Concluiremos ouvindo de Dom Bosco uma página de encorajamento e otimismo sobre o apostolado da imprensa, citando da circular que nos motivou:

“... o livro, se de um lado não tem aquela força intrínseca que possui a palavra viva, por outro lado apresenta vantagens em certas circunstâncias ainda maiores.

O bom livro entra até nas casas onde não pode entrar o sacerdote, é tolerado também pelos maus como lembrança ou

como presente. Ao apresentar-se não enrubesce; deixado de lado não se inquieta; lido ensina verdades com calma; desprezado não se queixa e deixa o remorso que algumas vezes provoca o desejo de conhecer a verdade; de sua parte está sempre disposto a ensiná-la. Por vezes cobre-se de poeira sobre uma mesa ou numa biblioteca. Ninguém pensa nele. Mas chega a hora da solidão, ou da tristeza, ou da dor, ou do fastio, ou da necessidade de distração, ou da ansiedade pelo futuro, e este amigo fiel retira o pó, abre suas folhas e se renovam as admiráveis conversões de S. Agostinho, do bem-aventurado Colombino e de S. Inácio.

Cortês com os tímidos por respeito humano, entretém-se com eles sem causar suspeitas a ninguém; familiar com os bons está sempre pronto a arrazoar; acompanha-os a cada instante, em qualquer lugar. Quantas almas não foram salvas pelos bons livros, quantas preservadas do erro, quantas animadas no bem. Quem dá um bom livro, não tivesse nenhum outro mérito senão o de despertar um pensamento de Deus, já adquiriu um merecimento incomparável junto de Deus. Entretanto alcança-se muito mais. Um livro numa família, se não for lido por aquele a quem é destinado ou doado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo e pelo vizinho. Um livro num povoado algumas vezes passa pelas mãos de cem pessoas. Só Deus conhece o bem que produz um livro numa cidade, numa biblioteca circulante, numa sociedade de operários, num hospital, dado como preito de amizade. Não devemos rezear que um livro possa ser recusado por alguns por ser bom. Pelo contrário..." (Circular de 19 de março de 1885; *Epistolario di Don Bosco*, vol. IV, p. 318ss).

A ação editorial de Dom Bosco

Quando Dom Bosco escrevia essas coisas, já trazia consigo um trabalho e uma experiência realmente grandiosa, se pensarmos nos tempos, no ambiente em que trabalhou e nos meios que teve à disposição.

1. Antes de ser editor ele foi autor

Talvez seja difícil fazer um levantamento completo da sua atividade de escritor. Sabemos que começou em 1844 com a vida do seu caríssimo amigo Luís Comollo, quando tinha apenas 29

anos. A partir de então a atividade de Dom Bosco escritor jamais cessou. Podem-se ordenar seus escritos da seguinte maneira:

- a) apologética: *História Sagrada* — *História Eclesiástica* — *Vida dos Papas*;
- b) educação: *Sistema métrico* — *História da Itália*;
- c) religião: *Jovem Instruído* — *Cristão Instruído*;
- d) volumes das *Leituras Católicas*: cerca de setenta.

A edição anastática dos escritos de Dom Bosco preenche 37 volumes. Alguém divertiu-se em contar os escritos impressos de Dom Bosco e enumerou 1.174 (cf. P. STELLA: *Gli Scritti a stampa di Don Bosco*, Roma, LAS, 1977).

2. *As Coleções que promoveu* dizem algo, não tudo, de Dom Bosco editor:

- 1853: *Leituras Católicas*: de 1853 a 1888: 432 fascículos, dos quais 130 com muitas edições; tiragem média: 10.000 cópias.
- 1869: *Biblioteca da juventude italiana*: durou de 1868 a 1885: são 204 volumes de literatura italiana.
- 1870: "*Selecta ex Latinis Scriptoribus*": trechos escolhidos dos autores latinos; durou até 1888: 41 volumes.
- 1877: *Coleção de Autores Latinos Cristãos*, que depois passou à SEI.
- 1885: *Biblioteca de leituras ascéticas*: até 1889 foram publicados 36 volumes.
- 1885: *Pequena coleção de leituras dramáticas*: até 1889, 46 volumes.
- 1885: *Bibliotequinha do operário*: até 1889, 16 volumes.
- 1886: *Coleção de livros amenos*.

3. *Os Periódicos*. Dizem que Dom Bosco teve a bossa de jornalista, como demonstram por exemplo algumas páginas do "*Galantuomo*".

Criou:

1859: *Amigo da Juventude*.

1877: *Boletim Salesiano*.

Em 1883, em Paris, encareceu a fundação do jornal "*La Croix*" (MB XVI 169).

4. *E tinha a consciência de ser editor:*

Numa comunicação ao comitê executivo da exposição nacional de Turim em 1884 (*Epistolario*, IV, n. 2.317, p. 299), Dom Bosco dava estes números:

- 1) *Biblioteca de clássicos*: em 16 anos tinha publicado 300.000 exemplares;
- 2) *Leituras Católicas*: em 33 anos tinha publicado 2.000.000 de exemplares;
- 3) *Clássicos Latinos e Gregos*: 20 anos.

Essa comunicação merece ser conhecida como testemunho do esforço de Dom Bosco e das suas idéias no campo editorial.

2.2 O NOSSO COMPROMISSO PARA COM AS VOCAÇÕES

P. Juan Edmundo VECCHI

1. *Dom Bosco* no primeiro manuscrito das Constituições (pelo ano 1859) exprimia assim um dos escopos da Sociedade de São Francisco de Sales: “Tendo em vista os graves perigos que corre a juventude desejosa de abraçar o estado eclesiástico, esta Congregação procurará cultivar a piedade e a vocação dos que demonstrarem especial aptidão para o estudo e eminente disposição para a piedade” (Ms, ACS, Roma, 002, p. 5-7).

Para inspirar nosso compromisso hoje, queremos de Dom Bosco lembrar:

- * o sofrimento de menino pelos ideais não expressos, não compreendidos ou não oportunamente favorecidos;
- * a gratidão para com todos os que o ajudaram a realizar a própria vocação;
- * a confiança nos recursos dos jovens;
- * o lugar que o tema vocacional ocupava no projeto de educação;
- * a capacidade e a arte de orientador;
- * a preocupação pelas vocações sacerdotais e religiosas;
- * as indicações sobre atitudes, elementos e experiências que favorecem o nascer e amadurecer das vocações;
- * os resultados com que Nosso Senhor premiou a confiança, a oração e a dedicação à causa das vocações.

2. As *Constituições* atuais resumem esse aspecto da nossa missão ao tratar dos destinatários: “Nossa presença entre os adolescentes e os jovens far-nos-á descobrir que muitos deles são ricos de recursos espirituais. Procuramos por isso cultivar-lhes o senso da responsabilidade cristã e favorecer a maturação de vocações apostólicas assim leigas como religiosas e sacerdotais, em benefício de toda a Igreja” (*Const.* art. 12).

Volta novamente a ele quando mostram o serviço prestado pelo Salesiano: "Ajudamos os jovens especialmente com a direção espiritual a desenvolver a própria vocação com uma vida quotidiana progressivamente inspirada e unificada no Evangelho" (*Const.* art. 22).

Nova insistência ao tratar das obras: "Realizamos nossa missão também por meio de centros e serviços especializados. Entre esses merecem especial destaque os centros de orientação e cultivo das vocações..." (*Const.* art. 29).

3. *O Capítulo Geral 21* enfrenta com sensibilidade nova o problema das vocações. Motivações, estímulos e sugestões operativas são apresentados de maneira sistemática no documento sobre a fecundidade vocacional (CG21 106-119), colocado dentro do Projeto Educativo Pastoral, o qual por sua vez se situa no tema mais amplo da evangelização dos jovens por parte dos Salesianos.

Alusões e indicações ricas de perspectivas, e sobretudo as linhas de uma ação e de uma mentalidade educativa fortemente qualificada, mesmo em sentido vocacional, emergem das cartas do Reitor-Mor "O Projeto Educativo Salesiano" e "O componente leigo da comunidade salesiana" (ACS, respectivamente 290/1978 e 298/1980).

Não faltam, pois, estatísticas, orientações autorizadas nem enfoques doutrinários em que nos inspirarmos.

As Inspetorias desenvolvem um movimento de conscientização e ativação que se exprime em iniciativas renovadas e na formulação de programas mais orgânicos de ação. O Projeto Educativo Pastoral chegou quase em toda a parte à primeira formulação completa. O aprofundamento da dimensão vocacional será seu natural coroamento.

4. *Um plano orgânico* de pastoral vocacional é justamente o passo ulterior pedido às Inspetorias.

Sugere-o uma indicação dos Regulamentos: "Cada Inspetoria organize em seu setor o recrutamento e o cultivo das vocações em colaboração com a Igreja local e com os outros institutos religiosos. Estabeleça os critérios, os métodos e as estruturas da orientação vocacional" (*Reg.* art. 72).

O CG21 sublinha-lhe a urgência: "As Inspetorias preparem, o mais breve possível, seu plano particularizado, em estreito contato com a Igreja local e em harmonia com o plano vocacional elaborado por elas. Ponto essencial desse plano deve ser a sensibilização e a formação dos Irmãos para a animação vocacional" (CG21 119 a).

A idéia e a realidade de um plano não exigem tanto uma formulação técnica, quanto uma tomada de consciência e um empenho comunitário. Sem diminuir o valor dos papéis individuais, as comunidades são chamadas a inserir essa dimensão nos seus projetos com riqueza de iniciativas.

O plano nos convida a uma pedagogia pela qual a orientação e a proposta vocacional são oferecidas aos jovens "de forma explícita e sistemática (...) num plano global de amadurecimento na fé" (Discurso do Reitor-Mor, *Atos CG21*, 574). A convergência das experiências colhidas em muitos encontros faz emergir com clareza a relação entre a intensa experiência de fé e o surgir da vocação. Dele brota um critério pedagógico e uma opção preferencial de ocasiões e itinerários.

Um plano leva-nos também a uma eficaz coordenação de todas as iniciativas e atividades concernentes à pastoral vocacional. Esta encontra sua natural colocação dentro da pastoral juvenil, em continuidade com as outras dimensões.

Somos, pois, concitados a passar de um trabalho prevalentemente individual a um maior empenho comunitário, de estímulos isolados ou momentâneos a uma ação mais orgânica e completa.

5. *Estes objetivos* serão atingidos se o Plano Inspetorial se construir sobre três elementos.

Um quadro de referência teológico-pastoral no qual aprofundamos a idéia da vocação que nos guia e repensamos a ação mediadora que consideramos adequada.

A análise da situação concreta em que se desenvolverá nossa atuação: trata-se de captar as condições em que se encontram os jovens, de verificar nossas linhas educativas, de reexaminar a vida das nossas comunidades e sua mediação vocacional.

Um plano operativo no qual marcamos urgências e prioridades, enunciamos os objetivos que nos parecem possíveis,

precisamos conteúdos, preparamos experiências e atividades, fixamos os critérios de revisão e de avaliação dos resultados.

6. *Um subsídio* do Dicastério foi enviado em setembro às Inspetorias em obediência a quanto estabelece o CG21: "O Dicastério da Pastoral Juvenil, para facilitar o que está determinado no art. 72 dos Regulamentos e nas diretrizes para a ação, 119 a, prepare e envie às Inspetorias as linhas essenciais para a formação de um plano inspetorial de pastoral vocacional" (CG21 119 d).

O subsídio aponta opções inadiáveis, porque sancionadas em documentos anteriores; sublinha e repropõe as linhas indicadas pelo CG21; retoma os pontos que têm necessidade de esclarecimento operativo; oferece indicações de conteúdos para inserir tudo isso num plano orgânico.

Com isso dá início ao diálogo desejado pelo CG21 entre o Dicastério e as Inspetorias sobre o tema vocacional: "As Inspetorias... enviem ao Dicastério da Pastoral Juvenil este plano, a fim de que se possa realizar um intercâmbio de experiências entre todas as Inspetorias" (CG21 119 a).

7. *Rezar, testemunhar* uma qualidade de vida centrada no amor a Deus e aos irmãos. *Chamar e acompanhar* parecem os empenhos sobre os quais convergir adaptando as iniciativas e os itinerários à situação da comunidade e dos jovens. Os Salesianos realizam esse programa num projeto integral de educação e crescimento, pelo que "a pastoral vocacional é um serviço de evangelização, com acento especial na ajuda e assistência a todo fiel para entrar, com todo o seu ser pessoal e sua escolha livre, no plano de Deus" (CG21 106).

Acolhamos o insistente convite de Dom Bosco: "Fazei o possível e mesmo o impossível para cultivar as vocações" (MB XIV 133) e procuremos traduzi-lo em atitudes e ajuda válidos para a orientação dos jovens.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO (prot. CD 440/81; 12-03-1981) :

Permite que a celebração do Bem-aventurado Luís Guanella, sacerdote (no dia 24 de outubro), e do Bem-aventurado Luís Orione, sacerdote (no dia 12 de março), seja inserida no próprio da Sociedade (de S. Francisco de Sales), para celebrar-se todos os anos com o grau de memória facultativa.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Sessão plenária do Conselho Superior (junho-julho de 1981). Argumentos tratados:

4.1.1 Assuntos de administração ordinária

● Nomeações:

Escolhidos para o cargo de Inspetor: P. João Batista BOSCO (Inspetoria Lombardo-Emiliana). — P. Luís TESTA (Inspetoria Subalpina). — P. Vicente DI MEO (Inspetoria Adriática). — P. Tito SOLARI (Inspetoria Boliviana de La paz). — P. Calógero MONTANTI (Inspetoria Sícula). — P. Ferruccio BERTAGNOLLI (Inspetoria Australiana de Oakleigh). — P. Pedro CREAMER (Inspetoria Equatoriana de Quito). — P. Agustín RADRIZZANI (Inspetoria Argentina de La Plata). — P. Dario VANEGAS (Inspetoria Colombiana de Medellín). — P. José PACHECO (Inspetoria Portuguesa de Lisboa). — Novo delegado da "Opera P. A. S.": P. Adriaan VAN LUYN. — Escolhido para o cargo de Delegado do Reitor-Mor na nova Delegação da Sardenha: P. Francisco VARESE.

● Escolhidos ou confirmados no cargo de membro do Conselho Inspetorial: 131 Irmãos.

● Aprovada a nomeação para Diretor de 136 Irmãos.

● Confirmados para um terceiro triênio no cargo de Diretor: 4 Irmãos.

● Confirmados, com indulto da S. Sé, para um quarto triênio no cargo de Diretor: 3 Irmãos.

● Nomeados para Mestre de noviços: 9 Irmãos.

● Autorizações respeitantes à administração dos bens temporais (alienações, aquisições, construções etc.): 27 casos.

● Deliberações a propósito de abertura ou fechamento canônico de Casas, mudanças de finalidade de uma obra, aceitação ou restituição de paróquias: 16 casos.

● Exame de casos que requeiram a intervenção da S. Sé (reconhecimento de representação legal, sanções várias, prorrogação de mandato, mudança de posição jurídica pessoal etc.): 12 casos.

● Dispensas de competência do Inspetorias:

4.1.2 Argumentos de peculiar importância

● Relação sobre as Visitas Canônicas realizadas nas seguintes Inspetorias:

Antilhas. — Argentina, Buenos Aires. — Bélgica, Bruxelas. — Brasil, Campo Grande. — Alemanha, Colônia. — Índia, Gauhati. — Itália, Central. — Itália, Adriática. — Itália, Romano-Sarda. — Itália, Lombardo-Emiliana. — Itália, Subalpina. — Polônia, Lodz. — Espanha, Sevilha. — Estados Unidos, San Francisco. — Venezuela. — Africa Equatorial (Inspetoria França Norte).

● Exame dos Capítulos inspetoriais de: Brasil, Manaus. — Brasil, Porto Alegre.

● Relatórios informativos:

Instituto Histórico Salesiano. — Fase preparatória para o desdobramento da Inspeção de Gauhati. — Consultoria mundial dos Cooperadores. — Atividades do Secretariado para as Comunicações Sociais. — Atividade editorial da Società Editrice Internazionale. — Pertença à Família Salesiana. — “Absentia a domo”.

4.2 Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Em junho o Dicastério esclareceu o enfoque do encontro europeu de maio de 1982 sobre os Salesianos e o mundo do trabalho, fixando temas, datas e modalidades de participação.

Pelo fim de julho o P. Juan Vecchi foi à Espanha para a Visita conjunta à Região Ibérica, com o Reitor-Mor e outros membros do Conselho Superior.

Voltou a 31 de agosto, para participar nas jornadas sobre a Escola em quatro sedes da Região Ibérica: Barcelona, Valladolid, Sevilha, Lisboa, tratando o tema: “Escola Salesiana, evangelização e pastoral”.

Entrementes, durante os meses de junho e julho recolhiam-se e sintetizavam-se os pareceres de peritos sobre o subsídio: “*Linhas essenciais para um plano inspetorial de pastoral vocacional*”. No mês de setembro era impresso e enviado às Inspetorias, em obediência à deliberação capitular (CG21 119 d), com carta do Conselheiro e ficha para uma resposta das Inspetorias.

Além disso, cuidou-se nestes últimos meses da organização do Curso de Formação Permanente que se realizará de 26 de outubro de 1981 a 3 de fevereiro de 1982, e reunirá agentes de pastoral a nível inspetorial.

O Conselheiro para as Missões

Para a realização de novas iniciativas no setor do “Projeto África”, o Conselheiro para as Missões, P. Bernardo TOHILL foi, nos últimos dias de agosto, à Inglaterra com o Delegado da Polónia, P. Augustyn Dziedziel. Aí preparou a chegada e colocação de onze Irmãos poloneses, que após o estudo da língua inglesa deverão partir para trabalhar em Zâmbia. Sua atividade nessa nação está programada para o outono do próximo ano.

Nos primeiros dias de setembro esteve na Procuradoria missionária de Bonn, e com o Procurador pôde visitar os dirigentes das principais organizações alemãs que ajudam as missões e os países do terceiro mundo. Teve contemporaneamente breves encontros com os dois Inspetores alemães.

Na última semana de setembro assistiu em Roma, na Casa Geral, a um grupo de missionários, que fizeram um breve curso de orientação antes de participar da tradicional função de adeus em Turim-Valdocco a 4 de outubro. Logo depois partiu para o Equador onde, até metade de novembro, fará a Visita Extraordinária à missão, enquanto o P. Sérgio Cuevas visitará a Inspeção nas comunidades fora do território de missão. De 17 a 24 de outubro participará dum seminário sobre as missões salesianas na América Latina.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Solidariedade fraterna (37.ª relação)

a) INSPETORIAS DAS QUAIS CHEGARAM OFERTAS

AMÉRICA LATINA

Brasil — São Paulo	L. 1.000.000
Brasil — São Paulo (para o Uruguai)	1.200.000

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos — Este	5.875.000
-----------------------	-----------

ÁSIA

Índia — Bangalore	1.000.000
Índia — Gauhati	1.000.000
Tailândia — Bangkok	1.000.000

EUROPA

Bélgica Norte	16.200.000
Alemanha Norte	3.430.000
Itália — Adriática	75.000.000
Itália — Adriática	1.400.000
Itália — Meridional	1.150.000
Itália — Subalpina	6.720.000
Itália — Vêneta Este (Udine)	1.600.000

Total das ofertas che-
gadas entre 12.6.1981
e 9.9.1981 116.575.000

Fundo em Caixa an-
terior 1.023

Quantia disponível a
9.9.1981 116.576.023

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

ÁFRICA

África Central — Lu- bumbashi: para os deficientes	6.000.000
Angola: para nova missão	5.000.000
Angola: para esmola a um Bispo	200.000
Quênia — Isiolo: para os deficientes	2.000.000
Sudão: para esmola a um Bispo	150.000
Sudão — Maridi: para os deficientes	2.000.000

AMÉRICA LATINA

Antilhas — Barahona: para envio de remé- dios	1.682.000
Argentina — Bahia Blanca: para os de- ficientes	2.000.000
Argentina — Rosário — Funes: para instru- mentos musicais	1.500.000
Argentina — Rosário — Ferré: para instru- mentos musicais	4.575.600
Bolívia — La Paz: para os deficientes	3.000.000
Brasil — Manaus: para bolsa da Bélgica Norte	2.000.000
Brasil — Porto Alegre: para os deficientes	3.000.000
Brasil — Recife: para os deficientes	2.000.000
América Central — San Salvador: para os si- nistrados e os defi- cientes	5.000.000

Chile — Santiago — Puerto Natales: para envio de objetos reli- giosos	1.600.000	Índia — Bangalore: — para os leprosos e deficientes	2.000.000
Colômbia — Bogotá: para os deficientes	2.000.000	Índia — Calcutá — Lashio: para os defi- cientes	3.000.000
Colômbia — Medellín: para os deficientes	2.000.000	Índia — Bombaim: para leprosos e defi- cientes	1.000.000
Equador — Quito: para os deficientes	2.000.000	Índia — Calcutá: para leprosos e deficientes	3.000.000
México — México: para as vocações in- dígenas de uma con- gregação de irmãs	600.000	Índia — Gauhati: para leprosos e deficientes	3.000.000
México — México-Mi- xes: para os defi- cientes	2.000.000	Índia — Gauhati — Raliang: para ne- cessidades da missão	1.000.000
Paraguai — Assunção: para os deficientes	2.000.000	Índia — Madrastra: para os leprosos e deficientes	3.000.000
Peru — Lima: para os deficientes	2.000.000	Coréia — Seul: para os leprosos e deficientes	5.000.000
Uruguai — Montevideu — Las Piedas (de São Paulo — Brasil)	1.200.000	Sri Lanka: para os leprosos e deficientes	1.000.000
Uruguai — Montevi- deu: para transpor- te de roupa usada	1.000.000	Tailândia — Bangkok: para os leprosos e os deficientes	2.000.000
Venezuela — Barinas: a 3 comunidades de irmãs equatorianas para obras sociais	3.600.000		
ÁSIA		EUROPA	
China — Hong Kong — Tainan: para ne- cessidades da obra	1.000.000	França — Paris: para os deficientes nas missões africanas	2.000.000
China — Hong Kong: para os refugiados da Indonésia e da China	10.000.000	Itália — Milão — Codi- goro: para trabalhos na igreja	5.000.000
Filipinas — Makati: para pobres e defi- cientes	2.000.000	Iugoslávia — Ljubljana — Zelimlje: para con- sertos na casa de for- mação	5.000.000
Índia — Bangalore: — Irinjalakuda: para instrumento musical	1.380.000	Polônia — Lodz: para uma bolsa de estudo	3.000.000
		Polônia — Pila: para uma bolsa de estudo	3.000.000
		<i>Total das quantias entregues entre 12.6.1981 e 9.9.1981</i>	116.547.600
		<i>Saldo em caixa</i>	28.423
		<i>Total em liras</i>	116.576.023

c) MOVIMENTO GERAL DA
SOLIDARIEDADE FRATERNA

Quantias chegadas a
9.9.1981 L. 1.284.781.507

Quantias distribuídas
na mesma data 1.284.753.084
Saldo em caixa 28.423

5.2 Nomeações

5.2.1 Novos Bispos

Dom Thomas MENAMPARAMPIL

"L'Osservatore Romano" de 13 de julho de 1981 dava a seguinte notícia: "O S. Padre nomeou Bispo de Dibrugarh (Índia) o Rev.mo P. Thomas Menamparampil da Sociedade Salesiana de São João Bosco, adido ao centro pastoral de Shillong".

Dom Menamparampil é originário do Kerala (Índia), onde nasceu a 22 de outubro de 1936. A 24 de maio de 1955 entrava para a Congregação Salesiana. Recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Dom Ferrando em Shillong a 2 de maio de 1965. Em 1972 era nomeado Vigário inspetorial, depois Diretor do centro profissional de Shillong "Don Bosco". Representou a sua Inspeção como Delegado ao Capítulo Geral 21 em 1977.

Sucede a Dom Kerketta, transferido para a diocese de Tezpur.

Dom Waldir BOGHOSSIAN

A 17 de julho de 1981 publicava-se também a notícia de que o S. Padre nomeara Exarca dos Armênios para a América Latina nosso irmão P. Waldir Boghossian.

Dom Boghossian nasceu em Penápolis (Brasil), em 27 de fevereiro de 1940. Fez os primeiros estudos na Casa salesiana de Lins, o Noviciado em Campo Grande e a primeira profissão a 31 de janeiro de 1957. Frequentou os cursos de Teologia no nosso Ateneu, primeiramente em Turim, depois em Roma, onde foi ordenado sacerdote dia 22 de dezembro de 1966. Trabalhou em várias Casas da Inspeção de Campo Grande, especialmente no "Dom Bosco" de Campo Grande, onde foi Diretor dos estudos da Faculdade de Filosofia. Residia há um ano no Pontifício Colégio Armeno de Roma.

Dom Jesus CORONADO CARO

Dom Jesus Coronado Caro foi transferido pelo S. Padre da igreja catedral de Girardot (Colômbia) à de Duitama (Colômbia).

Tem 63 anos. Ordenado sacerdote em 1947, dirigiu por alguns anos as Casas salesianas de Mosquera, Duitama, Bucaramanga. Erigida em 1964 a nova Prefeitura Apostólica do Ariari (Colômbia), a S. Sé chamou Dom Coronado para dirigí-la. Em 1973 era promovido à igreja titular de Girardot, mais ao sul do país, perto do leprosário de Agua de Dios. Agora volta a Duitama, numa vasta diocese com mais de meio milhão de fiéis.

Dom Héctor JARAMILLO DUQUE

A 6 de agosto de 1981 a S. Sé transferia Dom Héctor Jaramillo Duque da Prefeitura Apostólica de Ariari (Colômbia) para a igreja catedral de Sincelejo (Colômbia).

Dom Jaramillo, colombiano de 57 anos, fez-se salesiano após os estudos universitários de medicina. Foi ordenado em 1950, depois foi

pároco no "Niño Jesus" de Bogotá, diretor de importantes centros salesianos da capital colombiana, presidente da federação dos colégios católicos da Arquidiocese de Bogotá e da conferência interamericana da educação católica. De 1969 até sua nomeação para Prefeito Apostólico foi também Vigário inspetorial da província salesiana de Bogotá.

Dom Domingos AMOROSO

A 3 de setembro de 1981 publicava-se a notícia de que o S. Padre havia eleito para a igreja titular episcopal de Utina o P. Domingos Amoroso, salesiano, como auxiliar de Dom Inácio Cannavò, Arcebispo de Messina.

Dom Amoroso é de Messina, onde nasceu a 25 de setembro de 1927. Entrou para a Congregação Salesiana com a emissão dos primeiros votos em 1944; recebeu a ordenação sacerdotal em Messina em 1954. Após haver conseguido a licença em Teologia no Pontifício Ateneu Salesiano de Turim, laureou-se em 1962 em História Eclesiástica na Universidade Gregoriana de Roma. Tornou-se depois professor de História Eclesiástica, de Patrologia e de Liturgia no Instituto Teológico "S. Tomás" de Messina. Foi por alguns anos membro do Conselho inspetorial. Atualmente fazia parte do Conselho presbiteral da diocese e era presidente do departamento pastoral litúrgico de Messina.

5.2.2 Novos Inspectores

P. Ferruccio BERTAGNOLLI para a Inspetoria de Oakleigh — AUSTRÁLIA

Nascido em Taio, província de Trento, em 1938, fez os primeiros

estudos em Penango Monferrato, depois o Noviciado em Villa Moglia-Chieri (Turim), onde a 16 de agosto de 1956 fez a profissão religiosa. Depois dos estudos filosóficos partiu para a Austrália. Regressou à pátria para os estudos teológicos, ordenando-se em Salerno em 1966. Foi diretor em Brunswick, em Glenorchy e representou sua Inspetoria no Capítulo Geral 21.

P. João Batista BOSCO para a Inspetoria LOMBARDO-EMILIANA

Nasceu em Calvenzano (Bergamo) a 7 de julho de 1940; entrou para a Congregação a 16 de agosto de 1957. Após habilitar-se para o magistério, frequentou os cursos de Teologia em Benediktbeuern (Alemanha) e recebeu a ordenação sacerdotal em Monteortone (Pádua) a 29 de junho de 1968. Após conseguir em Turim o diploma de colaborador psicólogo, foi por alguns anos professor e animador no centro profissional "San Luca" de Bolonha, onde, em 1977, foi eleito Diretor. Desde 1979 era membro do Conselho Inspetorial.

P. Pedro CREAMER para a Inspetoria do EQUADOR

Natural de Quito (Equador), aos 18 anos, em 1949, entrou para a Congregação Salesiana. Foi ordenado sacerdote em Bogotá (Colômbia) a 21 de fevereiro de 1960. Laureando-se em Teologia pastoral, foi por alguns anos professor na Universidade Católica de Quito e colaborador no secretariado da Conferência Episcopal Equatoriana. Eleito membro do Conselho inspetorial, foi nomeado Diretor do novo Estudantado Teológico de Quito. Sucede ao P. Luís Teodoro Arroyo, eleito Vigário Apostólico de Mendez.

*P. Vicente DI MEO para a
Inspetoria ADRIÁTICA*

Nasceu em Casalıncontrada, província de Chieti, a 29 de outubro de 1926. Frequentou o aspirantado e o noviciado em Amelia (Terni), onde emitiu a profissão religiosa a 16 de agosto de 1944. Estudou Teologia em Turim e aí recebeu a ordenação sacerdotal a 1.º de julho de 1952. Conseguida a láurea em Teologia, foi por vários anos Diretor nas Casas de Terni e de Ancona. A partir de 1979 era Vigário inspetorial da Inspetoria de Ancona.

*P. Calógero MONTANTI para a
Inspetoria SÍCULA*

Nasceu em Canicatti, província de Agrigento (25 de abril de 1939), fez o aspirantado em Randazzo, o Noviciado em San Gregorio (Catania), onde emitiu os primeiros votos a 24 de maio de 1955. Ordenado sacerdote em Messina a 13 de março de 1964, conseguiu a licença em Teologia e Sagrada Escritura. Foi por vários anos professor no estudantado teológico de Messina, depois, desde 1980, Diretor desse estudantado.

*P. Agustín RADRIZZANI para a
Inspetoria de LA PLATA —
ARGENTINA*

Nascido em Avellaneda, província de Buenos Aires (Argentina), há 37 anos, foi aluno da Casa de Bernal, passou depois ao Noviciado de Moron (Argentina), onde emitiu os primeiros votos a 31 de janeiro de 1962. Frequentou os cursos de Teologia em Turim-Crocetta e foi ordenado sacerdote na Basílica de Maria Auxiliadora em 25 de março de 1972. Obtida a licença em Teologia, voltou à Inspetoria, onde recebeu o encargo de animador espiritual dos jovens

Irmãos em formação, primeiramente em La Plata, depois em Avellaneda. Desde 1977 era também membro do Conselho Inspetorial.

*P. Tito SOLARI para a Inspetoria
da BOLÍVIA*

Natural do Friuli (Prato Carnico, 11 de setembro de 1939), depois de frequentar o colégio de Tolmezzo (Udine) e fazer o noviciado em Albaré (Verona), pronunciou os primeiros votos a 16 de agosto de 1956. Estudou Teologia no PAS, em Roma, de 1963 a 1967, conseguiu a licença em Teologia e foi ordenado sacerdote em Roma, a 22 de dezembro de 1966. Enviado à Casa de Castel de Godego (Treviso), cursou a faculdade de sociologia de Trento. Em 1974 quis ir para a Bolívia. Desde alguns anos era Diretor da casa de San Carlos de Yapacani.

*P. Luís TESTA para a Inspetoria
SUBALPINA*

Nasceu em Murazzo di Fossano (Cuneo) a 24 de maio de 1940. Pronunciou os primeiros votos em Pinerolo (Turim), a 16 de agosto de 1960. Frequentou Teologia na Faculdade Teológica de Turim e foi ordenado em 3 de abril de 1971. Depois de conseguir a licença em Teologia e em Letras, foi nomeado Diretor do aspirantado de Chieri (Turim) em 1974. Desde 1978 dirigia o Instituto Técnico de Lombriasco (Turim).

*P. José PACHECO SILVA para a
Inspetoria de PORTUGAL*

Nasceu na província do Porto (Portugal) em Quinta de Baixo, Lousada, em 25 de fevereiro de 1931. Cursou as escolas médias de

Mogofores, onde, em 1947, fez também o noviciado, coroando-o com a profissão a 16 de agosto de 1949. Frequentou os cursos de Teologia em Marti Codolar (Barcelona) e foi ordenado sacerdote no Estoril a 5 de julho de 1959. Foi depois estudar em Roma-PAS Direito Canônico, tornando-se então professor e animador do Estudantado Teológico do Estoril. Foi aí Diretor da escola técnica, Superior do Estudantado Filosófico de Manique, Vigário Inspetorial (1973-1975), Conselheiro Inspetorial, responsável pelo setor escolar.

P. Dario VANEGAS para a Inspetoria de COLÓMBIA — MEDELLÍN

Colombiano de Medellín, onde nasceu a 18 de julho de 1939, entrou como aluno na Casa salesiana de Medellín em 1953 e em La Ceja, a 29 de janeiro de 1958, pronunciou os primeiros votos religiosos. De 1964 a 1967 foi estudante de Teologia em Bogotá e foi ordenado sacerdote em Medellín em 1.º de julho de 1967. Cursou Psicologia no Instituto de Ciências da Educação da Universidade salesiana de Roma. Conseguida a licença, foi nomeado Diretor do colégio "El Sufragio" de Medellín e membro do Conselho inspetorial na qualidade de coordenador da atividade pastoral educativa de toda a Inspetoria.

5.2.3 Novo Delegado do Reitor-Mor para a "Opera PAS"

O Reitor-Mor nomeou sucessor do P. Carlos Colli na direção da Delegação "Opera PAS" o P. Adrian VAN LUYN.

Nascido em Groningue (Holanda), o P. Van Luyn entrou para a Congregação salesiana aos 19 anos,

em 1954. Depois dos estudos teológicos, feitos em Turim-Crocetta, foi ordenado sacerdote em 's-Heerenberg (Holanda), a 9 de fevereiro de 1964. Nomeado Diretor, depois Vigário inspetorial, em 1975 foi nomeado Inspetor da Inspetoria holandesa. Em 1979 a assembléia dos Religiosos holandeses o elegia Presidente e designava-o como seu representante no Sínodo dos Bispos holandeses, realizado em Roma em janeiro de 1980.

5.2.4 Delegado do Reitor-Mor para a Delegação da Sardenha

Com decreto de 3 de julho de 1981, o Reitor-Mor erigia a nova Delegação da Sardenha sob o título de "Madonna di Bonaria", separando-a da Inspetoria Romano-Sarda. Como presidente da nova Delegação foi nomeado o P. Francisco VARESE.

O P. Varese nasceu em Ortueri, província de Nuoro, a 10 de abril de 1939. Fez o Noviciado em Lanusei, coroando-o com a profissão religiosa a 16 de agosto de 1955. Ordenado sacerdote em Roma a 20 de abril de 1965, foi Diretor da Casa de Formação de Genzano, depois do centro paroquial de Sassari. Ultimamente era Econômico no importante centro profissional Gerini em Roma.

5.3 Delegação Sardenha

5.3.1 Decreto de Ereção Canônica da Delegação

NÓS

P. Egidio VIGANÓ, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

— consideradas as diversas razões de índole, geográfica e cultural, e, portanto, pastoral;

— vistos os resultados das votações dos Capítulos 1977 e 1980 da Inspetoria Romano-Sarda sobre o argumento;

— ouvido o parecer do Inspetor da Inspetoria Romano-Sarda e do seu Conselho;

— obtido o voto favorável do Conselho Superior, expresso após atento estudo do problema;

— em virtude dos poderes a Nós concedidos pelo art. 164 B. C. D. das Constituições, aprovados pelo *Capítulo Geral 21*;

com o presente Decreto CONSTITUÍMOS as Casas Salesianas da Sardenha em DELEGAÇÃO diretamente dependente do Reitor-Mor, com sede em CAGLIARI — Instituto S. João Bosco, e sob o título de “Madonna di Bonaria”.

Do presente Decreto fazem parte integrante os dois documentos anexos:

— Determinação da figura jurídica do Delegado e seus poderes;

— Normas de atuação do Decreto (não apresentadas neste número dos Atos).

O presente Decreto entrará em vigor na data de 12 de setembro de 1981.

Roma, 3 de julho de 1981.

5.3.2 Determinação da figura jurídica do Delegado e seus poderes

— O Delegado é nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, após ampla consulta nas casas da Delegação.

— Governa a Delegação em nome e com o poder delegado do Reitor-Mor, com o qual se manterá em constante contato através do Conselheiro Regional para a Itália e o Oriente Médio.

— Tem ação de governo análoga à do Inspetor e, pois, exerce todos os poderes que competem ao Inspetor, exceto os que são explicitamente limitados ou exce-tuados, seja pela natureza mesma da Delegação, seja por eventuais limitações que fossem colocadas.

— Na sua ação de governo é assistido por um Conselho de Delegação, composto de quatro membros, um dos quais com o encargo de Ecônomo, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, por proposta do Delegado após consulta feita entre os Irmãos da Delegação.

O Conselho funciona de maneira análoga ao Conselho Inspetorial e deverá ser consultado em todos os casos nos quais as Constituições ou os Regulamentos prevêem ou exigem o voto ou o parecer do Conselho Inspetorial.

— Portanto com o voto favorável do Conselho pode admitir os candidatos ao Noviciado, ou também demiti-los; além disso, sempre com o consentimento do seu Conselho, pode admitir os candidatos à Profissão Religiosa tanto temporária como perpétua, aos Ministérios e às Ordens Sagradas.

— Igualmente, com o consentimento do seu Conselho e a aprovação do Reitor-Mor, tendo em conta as indicações da consulta, de acordo com o art. 183 das Constituições, pode nomear os Diretores das Casas da Delegação.

— A duração do cargo do Delegado e dos seus Conselheiros será expressa no Decreto de nomeação.

5.4 Projeto África

1. África Norte Ocidental

1. No número 298 dos ACS o Conselheiro para as Missões apre-

sentou uma relação sobre a visita aos Salesianos que trabalham no Gabão e no Congo-Brazzaville. Nessa ocasião ficou profundamente impressionado com a enorme mole de trabalho realizado generosamente por um reduzido número de Irmãos que, todavia, se sentem muito empenhados espiritualmente na obra de evangelização. Sente agora o dever de recomendar ardentemente à generosidade dos Inspetores as seguintes graves exigências das obras missionárias que a Inspetoria de Paris mantém há anos na África Norte-Occidental.

1.1 Um Irmão italiano que por 3/5 anos preste o seu serviço de capelão numa importante comunidade de técnicos italianos em Casablanca (Marrocos).

1.2 Um Irmão Coadjutor, engenheiro mecânico, para "Lablé" (Camarões) como coordenador da formação profissional.

1.3 Um sacerdote para a paróquia salesiana de Point-Noire (Congo-Brazzaville) onde os Irmãos presentes não acham fácil desenvolver sozinhos uma extraordinária atividade pastoral.

1.4 Um sacerdote colaborador pastoral na vasta paróquia de Brazzaville.

2. *Outros países africanos*

ANGOLA: Dois Irmãos do Brasil obtiveram finalmente o visto de entrada em Angola e se espera que possam iniciar logo o seu apostolado salesiano em favor dos jovens naquela grande nação. Esperamos também conseguir dentro de pouco as licenças tão desejadas para os outros salesianos que as esperam desde abril de 1980.

BENIN: No mês de outubro a Inspetoria de Bilbau enviará três

sacerdotes e dois clérigos a COMÉ e a PORTONOVO. A Inspetoria programou aumentar até 16 os Irmãos, divididos em 4 comunidades, dentro de três anos.

CAMARÕES: O Bispo de Sangmelima encontrou-se com o Inspetor da Lígure-Toscana em Gênova no mês de agosto. Prevê-se uma visita do Inspetor aos Camarões no começo do mês de outubro e pelo fim do mesmo mês uma decisão quanto ao pedido do Bispo.

COSTA DO MARFIM: No mês de agosto partiu de Barcelona um terceiro Irmão destinado à nossa comunidade de DUEKOUÉ. No próximo ano se preparará pessoal para KORHOGO, onde provavelmente se assumirá a direção de um colégio. As Filhas de Maria Auxiliadora estão pensando seriamente numa presença ao lado dos nossos Irmãos; poderia começar no princípio de 1982.

ETIÓPIA: Dois Irmãos da Inspetoria Lombardo-Emiliana estão seguindo cursos de língua na Inglaterra e se preparam para entrar na missão de Dilla (Sidamo) por ocasião da festa de Dom Bosco em 1982. Outros Irmãos juntar-se-ão a eles para dar início a uma modesta escola técnica.

QUÊNIA: O Reitor-Mor autorizou a compra de uma casa, que deverá servir de residência e centro para os nossos missionários de passagem. Estudar-se-á a possibilidade de iniciar também alguma atividade juvenil. Um Coadjutor indiano foi recentemente enviado de Madrastra a Nairobi para esta nova presença. A Inspetoria Central mandou dois sacerdotes a Siakago na Diocese de Meru.

LIBÉRIA: Nestes últimos meses a Inspetoria inglesa enviou um

sacerdote a Monróvia; outro sacerdote foi enviado pela Inspetoria alemã de Colônia; a Inspetoria de New Rochelle enviou um Coadjuutor. Subiu assim a 8 o número dos Salesianos para as duas obras dessa nação. Está-se tratando de uma missão fora da capital.

MADAGASCAR: A Inspetoria Meridional está fazendo os trâmites para enviar um terceiro Irmão à missão de BEMANEVIKY. A 29 de novembro terá lugar em Catania a função de adeus de 4 Irmãos destinados à missão de Tulear.

A Inspetoria Romana enviará três Irmãos à diocese de MIARINARIVO, onde assumirão a direção de uma escola para catequistas. Estes três Irmãos seguiram um curso para novos missionários destinados à África, em Grottaferrata. Com eles participaram no curso outros 4 Irmãos destinados a várias novas missões africanas.

A Inspetoria Vêneta-Este já tem prontos dois Irmãos para uma nova obra na diocese de MAJUNGA.

MALI: A Inspetoria de Valencia escolheu e prepara três Irmãos para TUBA, na diocese de SAN, e três para a diocese de SIKASSO. Prevê-se a partida desses missionários antes do fim deste ano.

NIGÉRIA: Os Inspetores da Subalpina e de Novarense visitaram esta nação, a mais populosa da África, no mês de julho e já estão preparando o pessoal para duas missões na diocese de ONDO. A Inspetoria de La Plata, Argentina, enviou à Itália um Irmão sacerdote que se unirá aos dois Irmãos da Novarense destinados à Nigéria. Os três partirão em junho de 1982, ao passo que a Inspetoria Subalpina enviará os seus missionários pelo fim do mesmo ano.

TANZÂNIA: A 19 de setembro o Conselheiro para a Família Salesiana entregou em Bombaim a cruz missionária a um Coadjuutor destinado à nova casa de Nairobi e a um sacerdote e a um leigo destinados à Tanzânia onde chegarão no fim de setembro.

TOGO: As Inspetorias de Córdoba e Sevilha já decidiram assumir a direção de uma paróquia-missão na periferia da capital LOMÉ para o mês de março de 1982. Num segundo tempo pensam abrir uma escola técnica. As Filhas de Maria Auxiliadora querem colaborar seja na paróquia seja na escola profissional.

5.5 Carta de S. Santidade João Paulo II para a coroação de Nossa Senhora de Rozanystok

Cidade do Vaticano, 22.VI.81

Queridos Irmãos e Irmãs,

Neste último domingo de junho do ano do Senhor de 1981, dirijo, com verdadeiro prazer e conforto, o meu olhar espiritual e o meu coração a Rozanystok, a paróquia mais a nordeste do nosso País.

Lá, a mãe do Filho de Deus, Aquela que esteve junto à Cruz de Jesus, e que depois da Ascensão, juntamente com a Igreja primitiva aguardava em oração, no Cenáculo de Jerusalém, a descida do Espírito Santo, recebe hoje, naquela terra, um singular ato de veneração.

Em virtude do Breve Pontifício emitido pelo meu inesquecível Predecessor João Paulo I, é coroado o milagroso ícone da Auxiliadora de Rozanystok.

Desta maneira, no caminho de peregrinação dos Poloneses, e muitas vezes também dos seus vizinhos, acende-se um novo ponto luminoso de singular culto e de especial história dos corações e das consciências humanas Àquela a quem eles confiaram a própria coroa. E tudo o que ela representa: o povo, a nação, a sua história, a sua especial presença de Mãe e Auxiliadora.

Na lista dos lugares que se gloriam de ter um ícone da Mãe de Deus decorado com as coroas pontificias que crescem veneração e amor, inscreve-se também o Santuário dos Salesianos de Rozanystok.

Estas coroas materiais, postas pelas mãos do Bispo na cabeça da Mãe do Salvador em Rozanystok, são ao mesmo tempo um sinal exterior e uma expressão das realidades espirituais: isto é, de tudo o que ao longo dos séculos aconteceu entre a Mãe e os seus crentes, filhos e filhas, de tudo o que acontece hoje e acontecerá amanhã.

Queridos Irmãos e Irmãs, como não pensar, sem certa comoção, que a história desse Santuário reflete em alguma medida toda a história da nossa Pátria? Quer dizer: a sua sorte, os seus sofrimentos, as suas quedas, os seus esforços, as suas vitórias, a sua glória?

Este foi e ainda é o lugar onde a Mãe de Deus quis de maneira particular estar presente com o seu amor para com o povo fiel.

E o povo compreendeu este seu desejo e manifestou com a própria presença a disponibilidade de aceitar e cumprir a vontade do seu Filho abrindo largos caminhos para Ele. O Santuário de Rozanys-

tok tornou-se, pois, um lugar de singular encontro da Mãe de Deus com o seu povo.

É aqui que se realizou e continuamente se realiza o processo espiritual predito pelos Profetas, no qual, Ele, o Deus da Aliança, fiel às suas promessas, purifica os seus fiéis, dá-lhes um novo coração e infunde neles o seu Espírito, para que vivam segundo os seus mandamentos. O infiel coração de pedra e de pecado transforma-se num coração capaz de amar a Deus e o próximo (cf. Ez 36, 25-27); o processo no qual Deus coloca a sua lei no profundo do homem e a escreve no seu coração (cf. Jr 31, 33).

Este Santuário tornou-se, pois, o lugar da Aliança continuamente renovada, onde se aprofunda a fidelidade a Deus, à Igreja, a si mesmos, ao próximo, à Pátria. Tornou-se lugar de oração, de sacrifício, de esforço: lugar de particular força, centro de vida espiritual que ilumina largamente toda a região.

Não deveria, pois, causar maravilha o fato de se haver tornado objeto de ataques do inimigo, que conseguiu fazer com que o templo ficasse fechado por certo período, mas não conseguiu desarraigar a profunda tradição de Rozanystok, fulcro de fé viva, grande centro de cultura pátria.

O coração da Mãe não conhece divisões: ele é feito de um amor que une. A Mãe indica a unidade de todos os filhos e a ela os conduz. Com muito gosto vinham aqui os irmãos ortodoxos. E quando, por causa de decisões políticas, o Santuário passou às mãos deles (sob a custódia deles), então o povo ortodoxo soube entrar na tradição e no clima particular deste lugar: neste ícone reconheceu a

sua Mãe, demonstrando-lhe devoção e afeto.

Ela, onde quer que se encontre, em Belém como em Nazaré, ou em Caná de Galiléia, mostra o Filho, fruto do seu seio.

Tal é a função da Mãe, desta Mãe: dar o Filho, levar a Ele. É por isso que o Santuário de Rozanystok se caracteriza por uma particular e viva devoção eucarística.

É aqui, sob o seu olhar materno, que muitos reencontram o caminho da própria vida, sua vocação pessoal.

Prova disso é a vocação de sacerdotes, Irmãs, e Irmãos religiosos, os quais, aqui, perto da Mãe, sentiram a voz do Filho: "Seguem-me!".

Quantos corações aqui se abriram, diante da Mãe! Quantos segredos lhe foram confiados, quantos sofrimentos e lágrimas; quantas graças, consolações e reconciliações; quanta luz e paz, e quanta coragem!

Tudo isto encerram, em certo sentido, e o exprimem estas coroas que a partir de hoje ornarão o ícone da Mãe de Deus em Rozanystok.

Por meio deste solene ato de coroação, o povo fiel das terras polonesas do nordeste deseja pronunciar em voz alta e com convicção: "Venha o vosso Reino!". Venha o Reino do teu Filho, Reino de verdade e de vida, Reino de santidade e de graça, Reino de justiça, de amor e da paz. Venha o vosso Reino!

Com a minha bênção apostólica, abraço todos os participantes nas celebrações de Rozanystok: o Bis-

po Edward, Administrador da Arquidiocese de Białystok, o seu Auxiliar, os Bispos hóspedes, os Salesianos que cuidam do Santuário, as Famílias religiosas, os Paroquianos de Rozanystok e seus visitantes deste dia.

Uma palavra de particular saudação e bênção dirijo aos jovens, aos meninos e às meninas que participam da festa.

5.6 Fé e experiência na Catequese

(Congresso Nacional para o "50.º" de "Catechesi").

Turim, 1-4 de setembro de 1981. **Palavras do P. Egídio VIGANÓ.**

1. *Uma saudação fraterna* a todos os participantes do Congresso e meus mais vivos parabéns aos protagonistas da revista "Catechesi", os de ontem e os de hoje.

São cinquenta anos de serviço ao Evangelho para a juventude num tempo de intensas e delicadas transformações.

São cinquenta anos de fidelidade criativa à vocação característica de Dom Bosco; vocação pastoral e catequética que fez dele pai e mestre da fé juvenil e popular, e portador de novidade carismática no Povo de Deus, mesmo que tenha sido visto como fumaça nos olhos por certo laicismo iluminista do século passado, que tornou a aparecer ainda recentemente na imprensa de gravatinha freudiana, aliás já fora de moda, e com uma curiosa saudade do grilo e do valgalume.

2. Um modesto testemunho

Para celebrar o "50.º" da revista "Catechesi", o Centro Salesiano de Leumann organizou um Congresso nacional sobre as relações entre o "dado de fé" e a "experiência humana" no crescimento para a maturidade cristã da pré-adolescência à juventude.

Considero-o um tema de particular atualidade numa hora difícil, em que a Família, a Sociedade e a Igreja sentem muito agudo o problema complexo da educação juvenil.

Minhas palavras de abertura, mais que entrar diretamente no assunto, queriam trazer um simples testemunho introdutivo. Procede ele de uma existência pessoal, que já não é tão curta, e de um envolvimento ministerial num Movimento religioso empenhado na pastoral juvenil e popular.

Como podeis perceber, entrei há pouco na "terceira idade"!

Outro dia, numa excursão à montanha, ao ultrapassar com dois jovens um pequeno grupo de alpinistas já de certa idade, ouvi um deles cumprimentar-nos em francês: "Viva a juventude!".

Voltei-me e disse: "e também a terceira idade!".

E em resposta: "Sim, muito bem: é a idade melhor!".

Suponho que toda idade tem um seu aspecto "melhor"; e a terceira idade pode ter como valor, que a enriquece, o de um património de experiência que, no crescimento cristão, assemelha-se à lei da gravidade com a sua intensidade de aceleração ao aproximar-se mais do pólo de atração.

Nesse sentido posso introduzir-vos na sensibilidade sobre o tema "FÉ e EXPERIÊNCIA", referindo-me a alguns momentos particularmente significativos dos quais pude participar ativamente. Para me limitar somente ao âmbito eclesial nos últimos vinte anos, tive a possibilidade de participar, e considero isso uma graça especial do Senhor, em vários eventos de intenso testemunho de fé em resposta às experiências de transformação social em curso:

- as quatro sessões do Concílio Vaticano II;

- dois Sínodos gerais dos Bispos;

- a segunda e a terceira Conferência geral do Episcopado latino-americano de Medellín e de Puebla, e

- três importantes Capítulos Gerais da Congregação Salesiana.

Entrementes pude experimentar com intensidade mudanças culturais e certos abalos sociais grandemente notáveis: desmoronamentos trágicos ou empinos borrascosos de ideologias diversas, de projetos políticos, de estilos de civilização; um velocíssimo desenvolvimento técnico; a explosão urbanista-industrial; muitas desigualdades sociais e os correlativos esforços de libertação; horas de esperança e procura, dias de derrota; relativismo, dúvida e angústia.

3. Presença viva do Espírito Santo

Através de alguns eventos mais significativos, "kairos" ou tempos fortes de experiência de fé, cresceu e amadureceu no meu sentir interior uma convicção central de síntese que exprimiria assim: *a consciência cada vez mais clara e*

mais certa da presença vivificado-ra e renovadora do Espírito Santo na história.

Trata-se de uma convicção que mergulha a fé na realidade; não faz dela uma evasão da vida, mas uma espécie de raio laser que lhe perfura a espessura.

Coloca a fé no vértice do realismo com uma visão de conjunto do mundo acima do progresso técnico e da promoção das ciências; não para desprezá-los, mas para assumi-los avaliando-os objetivamente.

O Espírito Santo existe: está presente e age; é componente palpante do devir humano; leva os acontecimentos da história para lá dos vários projetos sociais; tem um poder transformador que se assemelha ao ato criador ("Creator Spiritus!"), que sabe inventar a verdadeira novidade, e faz rejuvenescer constantemente a Igreja de Cristo.

Com efeito a sua presença neste fim de século fez emergir sempre mais claramente duas grandes energias atuantes na história:

— o *mistério de Cristo*, alfa e ômega da aventura humana;

— e a originalidade e unicidade da missão da Igreja, a *"ação pastoral"*, nas vicissitudes dos povos.

Nestes anos que nos estão preparando para o Advento do 2.000, o amadurecimento da minha fé pôde constatar a verdade de quanto afirmou o grande Papa Paulo VI: "Nós estamos vivendo na Igreja um momento privilegiado do Espírito Santo... e Ele age sobretudo na missão evangelizadora: não foi por acaso que o grande início da evangelização aconteceu na manhã de Pentecostes, sob a inspiração do Espírito Santo" (*Evangelii Nuntiandi*).

4. *"Uma forma mais universal de cultura"* (*Gaudium et Spes* 54)

Este amadurecimento, digamos assim, "pneumatológico" da fé tem como quadro natural de referência o dinamismo intrínseco à criação e, em particular, o protagonismo histórico do homem nas suas multiformes culturas. Tal dinamismo abalou o "status quo" das culturas fazendo emergir novos valores através dos "sinais dos tempos", os quais lançam o homem de hoje numa irresistível mudança cultural em seu longo caminho para uma forma mais universal de cultura.

E aqui se abre um campo imenso de experiência que a vida humana oferece à fé através da crescente civilização urbanista-industrial, do fim do colonialismo, da emergência do terceiro mundo, da nova situação da família, da problemática do mundo do trabalho, da condição juvenil com a sua complexidade na educação, do pluralismo ideológico, da instabilidade política etc.

A experiência fez-me ver que a procura de uma nova cultura acha-se na raiz dos grandes problemas atuais; não se pode ter em mira somente a mudança das estruturas ou elementos sócio-políticos objetivos; *é urgente, primeiro que tudo, saber fixar-se no conjunto dos valores e não-valores que fazem palpar o coração de toda cultura.*

Há necessidade de uma nova síntese dinâmica que assuma decididamente a virada antropológica da hora presente, sem cair num antropocentrismo que negue a presença vivificadora do Espírito Santo na história.

A ação pastoral dos evangelizadores deverá ajudar a "voltar-se" de fato para o homem, sem "des

viar-se", recuperando para o povo e os pobres a noção de cultura, que o iluminismo restringiu para as elites; assim se fará da Igreja não um resíduo em diáspora, mas uma grande Família de fé aberta às multidões e aos pobres, reavaliando, purificando e assumindo sua religiosidade popular.

Assim, neste nível de transformação, o binômio conciliar "Igreja e Mundo" relê-se como inter-relação entre "Mensagem evangélica e nova Cultura".

5. *Começar do princípio*

Uma hora tão carregada de busca de novidade exige especial capacidade criativa para a evangelização e a catequese.

Estou convencido de que, em certas conjunturas históricas, a missão do Povo de Deus deve começar do princípio; a fé cristã exige hoje competência inventiva e audácia de novidades; a vida da ressurreição (a fé no Cristo) é sempre energia de juventude, vista para além do futuro histórico na plenitude escatológica já atingida por Jesus e por Maria na Páscoa da humanidade.

Por isto Paulo VI exortou-nos a "ter a coragem de viver (esta hora carregada de história) de olhos abertos e corações impávidos... (sem) ter medo de recomençar do princípio a complicada e extenuante missão da evangelização.

"Recomeçar do princípio", eis o desafio; não para inventar ou mutilar a "Palavra" já proclamada no Cristo, mas para descobrir e inculcar sua mensagem salvífica.

É decerto um empenho "complicado e extenuante", que requer saber harmonizar constantemente dois pólos energéticos entre si inseparáveis:

— a "*genuinidade profética*" de plena sintonia com o Espírito Santo para ser anunciadores fiéis da Palavra do Pai;

— e a "*genialidade pedagógica*" de percepção e resposta às exigências culturais dos sinais dos tempos e da condição juvenil para ser verdadeiros educadores da fé hoje.

6. *Uma dinâmica dos eventos reveladores*

Os eventos particularmente marcados pelo Espírito Santo de que participei, desencadearam-se nas duas décadas dos anos 60 e 70 com orientações muito ricas e significativas para a ação pastoral da Igreja e, em particular, para a Catequese.

Fez-se, neste campo, um verdadeiro salto de qualidade rumo ao futuro.

Parece-me útil sublinhar, na dinâmica evolutiva de tais eventos, dois aspectos proféticos entre si distintos e à primeira vista quase divergentes, mas, de fato, intimamente complementares para um enriquecimento mútuo de genuidade e eficácia:

— a audácia do "*impulso renovador*",

— e a "*inteligência crítica*" da fidelidade.

A audácia no "impulso renovador" procurou a máxima abertura para entabular um diálogo válido com o multiforme mundo atual.

A "inteligência crítica" aprofundou as exigências vitais da identidade de fé para mover-se velozmente nas novas órbitas com a máxima fidelidade sem se desviar nem perder altura.

No evento conciliar, que se prolongou por quatro sessões, o impulso renovador partiu da consideração da liturgia (cf. *Sacrosanctum Concilium* 1963), lugar privilegiado de ação do Espírito Santo, para chegar a uma presença rejuvenescedora da Igreja no Mundo e a uma forte novidade nas suas mútuas relações (cf. *Gaudium et Spes* 1965).

O impulso dado à renovação incidiu de modo particular sobre o evento de Medellín, na 2.ª Conferência geral do Episcopado latino-americano (1969).

Nos Sínodos dos Bispos e em Puebla (dez anos após Medellín), ou seja após um tempo de corrida na nova órbita, viu-se acentuar-se e precisar-se mais detalhadamente a "inteligência crítica", por outro lado sempre claramente presente em cada etapa dos eventos, não para frear a velocidade da renovação, nem para mudar de órbita, mas para garantir a precisão da rota e evitar desastres.

Assim no Sínodo episcopal sobre a evangelização do mundo atual (1974), no sobre a catequese dos meninos e dos jovens (1977), na 3.ª Conferência geral do Episcopado latino-americano em Puebla (início de 1979) e no Sínodo episcopal sobre a família cristã (fim de 1980) juntamente com o impulso renovador descobre-se mais acentuada e bem definida presença de preocupação crítica quanto à identidade pastoral.

"*Evangelii Nuntiandi*", o documento de Puebla e "*Catechesi Tradendae*", como toda intervenção magisterial genuinamente histórica, devem ser vistos no tecido concreto de um devir que tem a sua aceleração e as complexidades de retificação de rota.

São documentos ricos de insistência sobre o impulso renovador, mas a realidade do processo em marcha exige também o dever pastoral de exorcizar com aguda e corajosa tempestividade os perigos surgidos na corrida ou, como alguém tentou chamar-lhes, os "erros simpáticos" (porém não menos deletérios) de quem entrou na órbita da hora histórica.

7. *Trilogia de base para a órbita da Catequese*

Os anos 70 prepararam para o atual empenho catequético três importantes documentos:

— o *Diretório catequético geral* (11 de abril de 1971);

— a exortação apostólica "*Evangelii Nuntiandi*" (8 de dezembro de 1975);

— e a "*Catechesi Tradendae*" (16 de outubro de 1979).

Sente-se neles um muito insistente convite do Espírito do Senhor à Igreja "a renovar a sua confiança na ação catequética como tarefa absolutamente primordial da sua missão. Ela é convidada a consagrar à catequese seus melhores recursos" (*Catechesi Tradendae* 15).

Estou convencido de que o *relançamento de uma pastoral juvenil de atualidade está centrado sobre a prioridade de uma catequese atualizada*.

O tema "fé e experiência" no crescimento para a maturidade cristã da pré-adolescência à juventude encontra a medida da sua validade e da sua eficácia numa catequese que seja verdadeiro e atual "ensinamento", genuína "educação à fé" e corajosa "iniciação na vida cristã".

8. *Compromisso da Família Salesiana*

De aí a peculiar atenção dada à catequese pela Congregação Salesiana, sobretudo nos seus últimos Capítulos Gerais e em todos os continentes por todo o Movimento educativo-pastoral inspirado em Dom Bosco.

Os dois documentos capitulares "Evangelização e Catequese" (CGE XX) e "Os Salesianos evangelizadores dos jovens" (CG XXI) apresentam em forma característica uma síntese de conteúdos e metodologias, um enfoque educativo e opções de orientação pastoral que inserem a catequese num projeto integral de formação, feito de valores, experiências, relações, clima e estilo.

Esse projeto global comporta, na minha opinião, um dos aspectos mais originais da capacidade catequética de Dom Bosco que o torna permanentemente simpático à juventude: o de haver sabido inserir a sua "aula de catecismo no tecido das ações quotidianas" (CGE 275), fazendo-a desenvolver-se no clima de alegria e partilha que é conatural ao espírito juvenil.

9. *Uma ação pastoral mais profética e mais pedagógica*

Todo esse conjunto de exigências e orientações convenceu-me de que a mudança cultural que vivemos exige dos agentes de pastoral que harmonizem melhor, na realização da sua missão, os dois pólos de que falava anteriormente: a "genuinidade profética" e a "genialidade pedagógica".

O homem de hoje tem urgente necessidade de uma Igreja que seja simultânea e harmoniosamente

"mais profética" e "mais pedagógica"!

Sobre esse aspecto eu condensaria a modesta contribuição do meu testemunho: *formar e desenvolver nos agentes de catequese uma intensa espiritualidade profética de fidelidade à Palavra de Deus, e, ao mesmo tempo, uma aguda atenção cultural e uma adequada competência pedagógica para superar o drama do século, o divórcio entre Evangelho e cultura*. E, como discípulo de Dom Bosco, destacaria de maneira especial a importância do aspecto pedagógico.

"A irredutível originalidade da identidade cristã — afirma a 'Catechesi tradendae' — tem como corolário e condição uma pedagogia não menos original da fé. Entre as numerosas e prestigiosas ciências humanas, que registram em nossos dias um imenso progresso, a pedagogia é sem dúvida uma das mais importantes.

As conquistas das ciências — biologia, psicologia, sociologia — oferecem-lhe preciosos elementos. A ciência da educação e a arte de ensinar são objeto de contínua discussão, com vistas a uma melhor adaptação ou maior eficácia, com resultados diversos" (*Catechesi Tradendae* 58).

Eis aí: fé e experiência, Evangelho e cultura, Profecia e pedagogia, a serem harmonizados na ação pastoral e no empenho catequético para colaborar na formação do famoso "Homem novo" e da "nova Sociedade".

Hoje, alertados pelas experiências frustradoras dos chamados "humanismos ateus", devemos sentir-nos protagonistas na formação de uma nova cultura, empenhando-nos em "realizar — como diz Puebla — o anúncio do conteúdo

da evangelização partido da própria fé de nossos povos, de modo que estes possam assumir os valores da nova civilização urbano-industrial, numa síntese vital cujo fundamento continue sendo a fé em Deus e não o ateísmo, consequência lógica da tendência secularista" (n.º 436).

10. *Urgências de reflexão*

Para concluir: no âmbito do testemunho e na ótica do tema escolhido, "fé e experiência", permito-me destacar alguns pontos que, no meu entender, exigiriam hoje particular reflexão.

A mim muito me agradaria encontrar material bem elaborado sobre eles para melhorar a tempo a pastoral juvenil. O meu desejo nasceu do desafio das situações e cresceu no afã quotidiano de servir adequadamente o grande Movimento educativo-pastoral-espiritual animado pelo carisma salesiano.

Junto rapidamente os vários pontos ao redor de três precisos centros de interesse:

a) *A animação histórica do Espírito Santo*: sua tarefa de impregnar a história com a ressurreição de Cristo; sua específica e poderosa ação na liturgia; sua missão de conduzir a humanidade à unidade; sua privilegiada sintonia com a Igreja à qual garante uma ação histórica absolutamente original; sua iniciativa em toda vocação pessoal; e sua criatividade no diálogo evangelizador dos sinais dos tempos.

b) *O coração da cultura como lugar estratégico (Catechesi Tradendae 53)*: sua radicação no povo e nos pobres; a importância das suas expressões na religiosidade popular; a procura de uma novi-

dade de síntese dos valores fundamentais de um novo humanismo; a sua libertação de hegemonias desviantes; a sua função de influência sobre as estruturas, sobre os projetos históricos e sobre a política; uma estratégia realista para o cuidado dos centros criativos de cultura; uma explicação aprofundada do expressivo aforisma: "evangelizar educando e educar evangelizando".

c) *A atualização constante no conhecimento da condição juvenil*: a sua evolução, a sua concretude e a sua elasticidade; as suas exigências de uma nova linguagem; os perigos de imitação, de superficialidade e de instabilidade; as contribuições positivas e negativas da técnica e das ciências; os horizontes de esperança que oferecem os jovens à Sociedade e à Igreja; a problemática dos valores da fidelidade; o redescobrimento da mensagem cristã como oblação de si; etc.

Portanto, para mim, dever-se-ia aprofundar, em proveito da ação evangelizadora e catequética, a presença vivificadora do Espírito Santo na história, a refundação do núcleo vital da cultura e a competência pedagógica em relação à realidade juvenil.

TERMINO, repetindo a oração do Santo Padre na conclusão da "Catechesi Tradendae" — "Eu aqui invoco sobre a Igreja que catequiza (o) Espírito do Pai e do Filho, e suplico-lhe que renove nela o dinamismo catequético.

Que a Virgem de Pentecostes nos alcance tudo isso com a sua intercessão!" (*Catechesi Tradendae* 72-73).

OBRIGADO!

5.7 Vigário para as Filhas de Maria Auxiliadora

5.7.1 Carta de Madre Ersília Canta ao Reitor-Mor

Roma, 13 de julho de 1981

Reverendíssimo Padre,

O Rev.mo P. Sangalli falou-me do seu desejo de ter por escrito quanto, numa conversa com o senhor e noutra com o mesmo P. Sangalli, tínhamos dito sobre a atual situação em que veio a encontrar-se o Vigário do Reitor-Mor para as Filhas de Maria Auxiliadora.

A figura do Vigário, chamado num primeiro tempo "Delegado", surgiu no reitorado do P. Ricaldone, em 1935.

Ele, em carta à Madre Geral, dizia que em conseqüência do desenvolvimento dos dois ramos da nossa Família, o Reitor-Mor não podia bastar para tudo e tinha necessidade de quem o ajudasse.

"Não é possível — dizia — que eu me dedique aos particulares respeitantes os Confessores, Capelães, Pregadores, que me informe se meus encarregados fizeram as visitas às Casas, que responda diretamente às cartas de muitas irmãs etc."

Nos "Atos do Capítulo Superior" n.º 72 de 24 de novembro de 1935 escrevia a propósito:

"Comunico aos Inspetores que assumi como um dos meus ajudantes o rev.mo P. João Segala para as instruções e informações que dizem respeito ao encargo que vos foi confiado em favor do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora".

(Alude ao encargo dado pelo P. Albera aos Inspetores na circular de 20-2-1921.)

O P. Segala ficou nesse cargo de Vigário por 23 anos, até 1958. Contemporaneamente era também vice-postulador para as causas de beatificação das Filhas de Maria Auxiliadora candidatas aos altares.

Sucedeu-lhe o P. Sante Garelli que pôde também fazer diretamente algumas visitas canônicas em várias Inspetorias.

Junto à Consultoria do Apostolado dos Leigos tomou parte nas reuniões como assistente eclesiástico das nossas Associações juvenis.

O P. José Zavattaro limitou-se a breves visitas às casas, mas acompanhou sempre os relatórios das visitas canônicas dos Inspetores, as nomeações dos Confessores, Capelães, Pregadores e cuidou muito da revisão das nossas publicações.

Agora, após as novas disposições:

— Não se fazem mais as visitas canônicas por parte dos Inspetores.

— O caso de Confessores, Capelães, Pregadores, é, em via ordinária, tratado *in loco* entre Inspetor e Inspetora.

— Para vários problemas concernentes à missão do Instituto, as Conselheiras Gerais julgam útil dirigir-se diretamente ao Conselheiro do Capítulo Superior incumbido do setor e para o qual tem especial competência.

Foi-se dessa maneira criando um penoso mal-estar por não haver suficientes atividades que propor ao Reverendo Vigário do Reitor-Mor.

O Rev. P. Sangalli prestou-se generosamente para cursos de Exercícios na Itália e no estrangeiro, para dias de retiro, visitas a várias casas, especialmente casas de repouso, e por toda a parte sua passagem foi abençoada pela edificação que deixou com a sua bondade e piedade.

Mas nos períodos de permanência em Roma, ele mesmo deu a entender que não tinha suficiente trabalho e nós ficamos sentidas por não poder-lhe oferecer senão a revisão dos nossos impressos e visitas saluárias a algumas casas ou cursos de pregação.

Sua posição apresentou-se sem dúvida muito diversa da dos Vigários anteriores.

Não há mais necessidade de recorrer, como antes, a ele, mas ao mesmo tempo nós, não podendo recorrer sempre diretamente ao Reitor-Mor, não queremos renunciar a ter sua ajuda indireta tão válida mesmo através dos seus representantes.

Pusemo-nos assim estas perguntas:

— No que respeita os vários setores da missão do Instituto, poder-se-iam intensificar as relações entre os Conselheiros e as Conselheiras Gerais?

— E para os vários particulares da vida do Instituto, quando não se pode fazê-lo diretamente com o Reitor-Mor, poderíamos dirigir-nos ao Vigário do Conselho Superior ou a outro Superior que o senhor indicasse?

É-nós necessária sempre a revisão da nossa imprensa mensal (*Unione — Da mihi animas — Missioni e Missionarie*). Com todo o Conselho Geral ser-lhe-ia grata se

quisesse considerar estas propostas ou sugerir outra para o bem do Instituto. Sinta nossa gratidão sempre viva e sobretudo traduzida em orações.

Com todas as Madres meus respeitosos obséquios.

Madre Ersília Canta

5.7.2 Resposta do Reitor-Mor a Madre Ersília Canta

Roma, 7 de agosto de 1981

Reverenda Madre,

Agradeço-lhe a comunicação de 13 de julho passado sobre a situação em que viera a encontrar-se o papel do Delegado do Reitor-Mor para as Filhas de Maria Auxiliadora.

Já não havendo, hoje, as necessidades bem determinadas e as responsabilidades concretas pelas quais o P. Ricaldone havia criado esta função de serviço, era mais do que lógico proceder à sua revisão.

Li sua carta no nosso Conselho e falei dela pessoalmente com o P. José Sangalli: todos acharam muito razoável proceder a uma revisão.

Estamos assim todos de acordo em que fica suspenso este papel de Delegado ou Vigário do Reitor-Mor para as Filhas de Maria Auxiliadora, tal como havia sido concebido na situação anterior pré-conciliar.

No fim de sua comunicação a senhora, reverenda Madre, fazia algumas perguntas.

As respostas são fáceis e precisas: têm também o apoio do nosso Conselho Superior.

— No que se refere aos vários setores da missão do vosso Instituto é assaz conveniente a proposta de intensificar as relações entre os Conselheiros e as Conselheiras Gerais respectivamente interessados.

Assumimos de muito bom grado essa tarefa como um dever importante.

— Para os vários particulares da vida do vosso Instituto, quando não se possa fazê-lo diretamente com o Reitor-Mor, poderá dirigir-se ao seu Vigário Geral, ou — na sua ausência — a outro Superior adrede designado.

— Para a revisão de algumas publicações vossas (*Unione — Da mihi animas — Missioni e Missionarie*), nomear-se-á oportunamente, a vosso pedido e de acordo convosco, um encarregado especial.

Penso, reverenda Madre, que a reestruturação desta função acerca das nossas mútuas relações, ao passo que nos faz repensar na origem comum dos dois Institutos e nas vicissitudes históricas (por vezes dolorosas) da nossa consanguineidade vocacional, nos estimula a intensificar entre nós a profundidade da comunhão, a concretude da colaboração, os serviços de ministério e de fraternidade, o espírito de família, para poder assim crescer com ininterrupta tradição na fidelidade a Dom Bosco, a Madre Mazzarello e à experiência vivida há já mais de um século.

A Virgem Auxiliadora nos acompanhe sempre.

Uno-me à senhora e a todo o Instituto no agradecimento ao caríssimo P. José Sangalli pelo generoso serviço prestado e pelo seu belo testemunho.

Conte sempre com minha oração, minha solicitude, minha solidariedade.

Cordiais saudações às Madres.
Com estima e afeto no Senhor.

P. Egídio Viganó

5.7.3 Carta de agradecimento de Madre Ersília Canta ao Reitor-Mor

Roma, 22 de agosto de 1981

Festa de “Maria Regina”

Reverendíssimo Padre,

com todas as Conselheiras expri-mo ao senhor e ao Conselho Superior vivíssima gratidão pela benevolência com que quiseram examinar a exposição apresentada a respeito da situação particular em que veio a encontrar-se o papel do Vigário do Reitor-Mor junto às Filhas de Maria Auxiliadora.

Enquanto em nome de todo o Instituto agradeço ao Reverendo P. Sangalli a generosidade com que prestou seu serviço e a edificação que deixou em todas as Irmãs, agradeço-lhe muito, Padre, ter disposto na sua bondade e sabedoria que pudéssemos ter sempre a segurança de um válido apoio junto ao Conselho Superior.

Isso nos dá uma forte garantia de poder continuar com fidelidade no caminho que os nossos Santos nos traçaram.

E no Centenário da morte de Santa Maria Mazzarello é-me grato reafirmar o que ela repetia: “Lembremos que tudo devernos a Dom Bosco e aos seus Filhos”.

“Sem eles seríamos como um ramo destacado da videira.”

Experimentamos a verdade dessas palavras por mais de um século e ainda hoje os seguros ensinamentos que nos vêm dos seus documentos, Padre, e da palavra eficaz dos Superiores Salesianos em todo o mundo, estimulam-nos a ser fiéis a Dom Bosco e nos ajudam a ser ramos unidos à videira das origens.

Combinaremos as freqüentes relações entre Conselheiros e Conselheiras dos vários setores e quando, para as várias necessidades, não pudermos dirigir-nos diretamente ao Reitor-Mor, nos dirigiremos ao seu Vigário Geral.

Para a revisão das nossas publicações apresentaremos quanto antes os nomes dos Salesianos que, na nossa opinião, poderiam fazê-la com competência.

Maria Auxiliadora, Rainha, recompense regamente todo o bem que pelo senhor em particular e por todos os Salesianos nos é dado e nos ajude a corresponder.

Com obséquio, também por todas as Conselheiras.

Obrigadíssima.

Madre Ersília Canta

5.8 Manuscrito de Dom Bosco: carta inédita.

Turim, 31 de agosto de 1877

Meu caro P. Lasagna,

pus-me a fazer-me de negociante e comprei uma Fábrica de Papel com a finalidade única de cooperar com a boa imprensa. Se, pois, os tipógrafos de Montevideu (que não imprimam coisas irreligiosas) querem nosso papel, acho que posso oferecer-lhes vinte por cento de abatimento.

Quem quiser envie para mim o preço e a forma do papel e começaremos mandando uma amostra. Se é um jornal, basta enviar uma folha.

Não estamos certos da vinda do P. Cagliero. Até agora nem carta nem comunicação positiva. Aguardo ordens positivas quanto às Irmãs que deverão ser enviadas em novembro próximo com os outros teus professores. Graciano, o antigo cantor e executante, agora tenente, será o teu professor de esgrima, geografia, matemática e história.

Um adeus cordialíssimo a ti, aos teus, aos meus filhos caríssimos em Nosso Senhor Jesus Cristo. *Amém.*

Recebi tua ótima carta, que foi lida e relida.

Sac. G. Bosco

N. B. A primeira expedição missionária das FMA é de 14.11.1877.

Toscani

Town
 May 1999

Miss Card D. Leggett

little town, made a fair & negotiable
with incorporation upon contract
at annual fairs per growing cattle
brought stamp. It has tanks; type 7.

di Montevideo che non hanno più
religione, vagabondi della nostra
terra, si credono di poter loro off. con il
punto per cento di bene.

Ich will dich nicht und man hat dich
e. in der Form der Welt e. in der
e. in der Form der Welt e. in der

~~My journal~~ kept ~~in~~
in flight

in July 1881 -
Name in 2nd death records R. S. and
children, Thomas and Lillian, ne's D.

Spesso ripetuto - Attorno ossidazione
fatti per le buone e le dovremmo offrire
invece nel prossimo cugli in 1878
stessi maestri G. Vignani, Bartolo

- fonte, a fronsante, on tenent, l'ur
il tuo gine di S. Giovanni, di Zeog-
fina, inder, nativ, e p'ora -

Una cordiale lettera addresata a tutti
ai miei figli conff. in aff. e amore
neanche l'occasione per la loro c. in
Lugli 1894

۱۰۴

5.9 Irmãos falecidos

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação, e muitos ainda sofreram até o martírio. (...) Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. art. 66).

P Aelbroeck Albert (BES) a. 77	* Antoining (Belgio)	26.07.04
	Groot Bijgaarden (Belgio)	29.08.23
	Namur (Francia)	20.12.31
	† Tournai (Belgio)	25.06.81
P Alexánder Amadeo (ALP) a. 70	* Buenos Aires (Argentina)	30.04.11
	Bernal (Argentina)	5.05.27
	Bernal (Argentina)	29.11.36
	† Mar Del Plata (Argentina)	9.08.81
P Amielh Hubert (FLY) a. 96	* Mélian (Francia)	5.05.85
	Lombriasco (Torino)	2.10.03
	Montpellier (Francia)	28.06.13
	† Nice (Francia)	27.08.81
P Aracri Cesare (IRO) a. 70	* Petrizzi (Catanzaro)	5.10.10
	Portici (Napoli)	16.09.28
	Roma	27.03.37
	† Petrizzi (Catanzaro)	15.08.81
	Fu Ispettore per 18 anni	
P Archenti Agostino (ILE) a. 71	* Milano	3.03.10
	Este (Padova)	4.02.26
	Modena	11.03.34
	† Treviglio (Milano)	28.06.81
P Bernardi Luigi (BMA) a. 78	* Crespano del Grappa (Treviso)	14.03.03
	Este (Padova)	1.09.29
	São Paulo (Brasil)	8.12.39
	† Humaitá (Brasil)	18.07.81
L Bessone Giovanni (ABA) a. 70	* Bricherasio (Torino)	19.06.11
	Villa Moglia (Torino)	8.09.38
	† Roma	6.06.81
P Bianchi Luigi (SUE) a. 68	* Bergamo	27.02.13
	Newton (USA)	8.09.36
	Newton (USA)	29.06.46
	† Roma	13.06.81
L Bierwirth Max (GEM) a. 70	* München (Germania)	5.03.11
	Ens Dorf (Germania)	29.07.34
	† Benediktbeuern (Germania)	23.06.81

P Borra Guido (ILT) a. 85	* Capriata d'Orba (Alessandria)	3.05.96
	Fogizzo (Torino)	15.09.12
	Torino	23.09.22
	† Novi Ligure (Alessandria)	6.09.81
	Fu per 20 anni Ispettore e per 9 anni Consigliere nel Consiglio Superiore	
P Bottazzi Luigi (ILT) a. 68	* La Spezia	11.02.13
	Varazze (Savona)	14.09.33
	Bagnolo Piemonte (Cuneo)	29.06.43
	† Genova Quarto	21.06.81
P Collini Cesare (ILT) a. 68	* Stra (Venezia)	26.05.13
	Strada Casentino (Arezzo)	17.09.29
	Torino	3.07.38
	† Alassio (Savona)	6.06.81
P Corral Esteban (SCO) a. 84	* Sobradillo (Spagna)	13.09.97
	S. José del Valle (Spagna)	12.09.18
	Campello (Spagna)	17.06.28
	† La Orotava (Spagna)	5.08.81
L Cravino Pietro (ISU) a. 81	* Sessant (Asti)	28.04.00
	Villa Moglia (Torino)	18.09.27
	† Torino	29.06.81
P De Amicis Antonio (ISU) a. 83	* Fossa (L'Aquila)	17.05.98
	Genzano (Roma)	12.09.23
	Shiu Chow (Cina)	6.04.30
	† Bra (Cuneo)	3.07.81
L Demarco José (ACO) a. 66	* Vignaud (Argentina)	24.04.15
	Vignaud (Argentina)	31.01.33
	† Cabana (Argentina)	7.08.81
P Erbisti Virginio (IVO) a. 52	* Mizzole (Verona)	10.08.28
	Albaré (Verona)	16.08.49
	Abano Terme (Padova)	29.06.58
	† Verona	16.05.81
P Fantin Tarcisio (ABA) a. 46	* Casarsa (Pordenone)	13.04.34
	Villa Moglia (Torino)	16.08.53
	Torino	25.03.63
	† Puerto Deseado (Argentina)	4.12.80
L Fantini Giuseppe (RMU) a. 82	* Gaggio Montano (Bologna)	11.05.99
	S. Benigno Canavese (Torino)	20.10.18
	† Roma	8.09.81
L Ferrara Prudente (INE) a. 88	* Veruno (Novara)	5.11.93
	Fogizzo (Torino)	15.09.11
	† Trino (Vercelli)	1.07.81

L Ferro Francesco (IVO) a. 76	* Ospitaletto Euganeo (Padova)	7.02.05
	Schio (Vicenza)	9.10.21
	† Verona	10.04.81
P Fiorentino Francesco (IME) a. 71	* Santeramo in Colle (Bari)	10.07.10
	Shillong (India)	9.01.30
	Torino	3.07.38
	† Bari	31.05.81
P Fogliasso Emilio (RMU) a. 73	* Busca (Cuneo)	26.03.08
	Fortín Mercedes (Argentina)	31.01.25
	Torino	3.07.33
	† Roma	8.08.81
P Foley Patrick (IRL) a. 61	* Tralee (Irlanda)	10.03.20
	Ballinakill (Irlanda)	24.11.42
	Sherfield (Gran Bretagna)	17.07.55
	† Portlaoise (Irlanda)	8.03.81
P Foralosso Antonio (IVE) a. 71	* Grumolo (Vicenza)	14.06.10
	Este (Padova)	18.09.26
	Roma	28.07.35
	† Brescia	23.08.81
P Fugger Alois (AUS) a. 77	* Wien (Austria)	7.04.04
	Ensdorf (Germania)	15.08.26
	Benediktbeuern (Germania)	7.07.35
	† Wien (Austria)	29.04.81
L García Matéo (CIL) a. 73	* Villanueva de Duque (Spagna)	21.09.08
	S. José del Valle (Spagna)	8.09.27
	† Santiago (Cile)	16.04.81
P Giaccardi Giorgio (ICE) a. 89	* Mondovi (Cuneo)	4.01.92
	Fortín Mercedes (Argentina)	26.01.24
	La Plata (Argentina)	25.07.30
	† Torino	21.05.81
P Gratz Anton (GEM) a. 58	* Strassöd (Germania)	14.01.23
	Ensdorf (Germania)	4.01.40
	Benediktbeuern (Germania)	28.06.52
	† Benediktbeuern (Germania)	10.04.81
P Herzberg Bruno (BMA) a. 80	* Weissenborn (Germania)	25.05.99
	Ensdorf (Germania)	15.08.30
	Benediktbeuern (Germania)	4.07.37
	† Manaus (Brasile)	2.08.79
P Kasperlik Leopold (PLS) a. 75	* Budapest (Ungheria)	12.11.05
	Klecza Dolna (Polonia)	9.08.23
	Poznan (Polonia)	17.06.34
	† Kraków (Polonia)	24.07.81

P Lorenzoni Livio (IVO) a. 76	* S. Pietro di Morubio (Verona)	25.09.04
	Este (Padova)	18.09.23
	Mogliano Veneto (Treviso)	26.06.32
	† Verona	1.03.81
P Lukács Béla (UNG) a. 65	* Mocsá (Ungheria)	18.10.16
	Szentkereszt (Ungheria)	12.07.35
	Esztergom (Ungheria)	10.06.46
	† Pannohalma (Ungheria)	2.08.81
L Martinengo Guglielmo (ISU) a. 78	* Torino	11.05.03
	Ivrea (Torino)	17.09.20
	† Arignano (Torino)	8.07.81
P Masieri Valfrido (ILT) a. 71	* Viano (Udine)	10.05.10
	Castel de' Britti (Bologna)	13.10.26
	Torino	7.07.35
	† Genova	4.09.81
P McDonnell Charles (IRL) a. 74	* Kilcolman (Irlanda)	24.11.06
	Cowley-Oxford (Gran Bret.)	7.12.22
	London (Gran Bretagna)	28.08.35
	† Navan (Irlanda)	24.04.81
L Mondino Silverio (ARO) a. 39	* Ramona (Argentina)	4.08.41
	Morón (Argentina)	31.01.60
	† Manucho (Argentina)	11.04.81
P Nogheredo Alberto (ILE) a. 61	* Montagna (Sondrio)	9.01.20
	Montodine (Cremona)	13.11.37
	Vendrognò (Como)	29.06.46
	† Sesto S. Giovanni (Milano)	7.07.81
P Pankowski Joseph (SUE) a. 66	* Brooklyn (USA)	19.02.15
	Newton (USA)	8.09.35
	Newton (USA)	2.07.44
	† Ramsey (USA)	21.05.81
P Parodi Luis (ARO) a. 87	* Buenos Aires (Argentina)	21.02.94
	Bernal (Argentina)	27.01.12
	Bernal (Argentina)	12.02.22
	† Rosario (Argentina)	1.07.81
P Plywaczyk Stefan (SUE) a. 88	* Jedlec (Polonia)	8.01.93
	Radna (Jugoslavia)	5.08.11
	Madison (USA)	23.02.18
	† Ramsey (USA)	12.02.81
P Prieto Domingo (ALP) a. 71	* Martínez (Argentina)	20.12.09
	Bernal (Argentina)	27.01.40
	Córdoba (Argentina)	23.11.47
	† La Plata (Argentina)	3.09.80

P Rasá Antonino (ISI) a. 83	* San Gregorio (Catania)	5.03.98
	San Gregorio (Catania)	25.08.14
	Acireale (Catania)	23.12.22
	† Pedara (Catania)	15.08.81
P Ronzoni Pasquale (ILE) a. 66	* Meda (Milano)	28.02.15
	Montodine (Cremona)	1.09.35
	Chiari (Brescia)	23.04.44
	† Chiari (Brescia)	16.08.81
P Rubers Johan (BEN) a. 70	* Rijswijk (Olanda)	2.03.11
	Groot Bijgaarden (Belgio)	2.09.33
	Oud-Heverlee (Belgio)	7.12.41
	† Sint-Pieters-Woluwe (Belgio)	24.07.81
P Savioli Luigi (ABB) a. 79	* Montescudo (Forlì)	5.04.02
	Fortín Mercedes (Argentina)	17.01.20
	La Plata (Argentina)	11.06.27
	† Viedma (Argentina)	17.06.81
L Seravalli Ferdinando (INE) a. 73	* Gemona (Udine)	30.10.07
	Pinerolo (Torino)	17.09.33
	† Novara	26.08.81
P Skretkowicz Juan (CIL) a. 71	* Tiutków (Polonia)	1.01.10
	Santiago (Cile)	3.02.36
	Santiago (Cile)	26.11.44
	† Valdivia (Cile)	2.07.81
P Söli Martino (GEM) a. 69	* Neumarkt (Germania)	12.11.11
	Ensdorf (Germania)	15.08.30
	Benediktbeuern (Germania)	29.06.39
	† Augsburg (Germania)	15.08.81
P Sródka Antoni (PLO) a. 91	* Bogdai (Polonia)	10.07.90
	Radna (Jugoslavia)	29.08.09
	Oswiecim (Polonia)	3.12.16
	† Kraków (Polonia)	3.07.81
P Tomasoni Giuseppe (ILE) a. 84	* Romano (Bergamo)	19.06.97
	Ivrea (Torino)	6.10.21
	Torino	10.07.27
	† Chiari (Brescia)	17.07.81
P Valdivia Enrique (CIL) a. 76	* San Fernando (Cile)	23.04.05
	Santiago (Cile)	14.02.22
	Torino	6.07.30
	† Santiago (Cile)	7.07.81
P Van Pevenaeghe Michel (BES) a. 75	* Forest (Belgio)	14.10.06
	Groot-Bijgaarden (Belgio)	29.08.27
	Vieux-Heverlee (Belgio)	2.02.36
	† Verviers (Belgio)	21.06.81

88 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Várhegyi Ernő (UNG) a. 76	* Budapest (Ungheria)	5.08.04
	Ensdorf (Germania)	24.10.21
	Torino	6.07.30
	† Budapest (Ungheria)	17.07.81
P Vega Antonio (SSE) a. 85	* Arcos de la Frontera (Spagna)	5.02.96
	S. José del Valle (Spagna)	21.09.14
	Jaén (Spagna)	20.09.30
	† Sevilla (Spagna)	22.03.81